

Gravação: tdm45_vestidonoiva

Duração do Áudio: 02:03:12

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Gustavo
Orador B	Hugo
Orador C	Josuel
Orador D	Luciana

[00:09:38]

Orador A: Olha só, eu fui participar, acho que lá pra abril deste ano de 2019, eu participei do podcast Cinemação e acho que é a segunda vez que a gente cita eles aqui. Na verdade, é mais, a gente já citou eles várias vezes, a gente é muito fã. Aliás, se vocês estiverem ouvindo a gente, um beijo pra vocês, a gente adora vocês. O podcast Cinemação é um dos melhores podcasts que eu acho que o Brasil tem sobre cinema, eles são muito sérios, os caras têm uma qualidade de áudio muito impecável, assim, eles realmente são bem dedicados pra qualidade do áudio ficar agradável pra quem tá ouvindo. Eles levam em consideração que a pessoa... porque tem toda essa... essa mítica aí do... do podcast, né, todo esse... esse lance do podcast ser... é... gravado em mono, gravado em estéreo, quarenta e quatro K, quarenta e oito hertz, vai deixar mais banda, vai exportar em mp3 em alta qualidade, baixa qualidade, um nove dois, dois vinte

e cinco, um cento e vinte e seis, aquelas coisas todas, porque, no fim das contas, as pessoas escutam em velocidade alterada, ou escutam duas vezes mais rápido, um vez e meia, ou escuta só com um fone de ouvido e o outro pendurado; enfim, tem toda essa discussão sobre a qualidade e são poucos podcasts que eu acompanho, pelo menos que eu acompanho, que mantém essa tentativa de deixar a qualidade ainda saudável, assim: "Não, vamos deixar o áudio bom, porque sempre alguém vai querer ouvir numa qualidade melhor de fone ou vai realmente se preocupar em escutar aquilo com mais parcimônia, não só meramente pelo conteúdo, mas também por... pelo fato de estar ouvindo uma coisa", e eu acredito que o Cinemação... não sei se eles fazem isso de propósito totalmente, mas me parece que sim, mas eles têm uma qualidade excelente, assim. Aí eu fui convidado pra participar do... de um programa lá e, enfim, foi sobre roteiro, é o trezentos e treze, eu indico para vocês ir lá... ir lá e escutar, porque tá bem divertido. Só que, nesse episódio...

Orador B: Caraca.

Orador A: ... no finalzinho do episódio... pode falar, o que foi?

Orador B: Não, trezentos e três.

Orador A: É, trezentos e treze.

Orador B: Wow, treze.

Orador A: Treze, trezentos e treze.

Orador B: Wow, show de bola, hein?

Orador A: Eles têm... eles têm anos, eles têm, sei lá, sete, seis anos que eles estão no ar e... e... e fazem episódios... é... semanalmente também, então estão bem na frente da galera.

Orador B: Muito legal.

Orador A: É... é o seguinte, então eles fizeram, cara, o episódio trezentos e treze foi sobre roteiro e, no final do... dos episódios deles sempre eles têm o... o dicas da semana, assim, que eles falam e... e citam coisas pra que as pessoas procurem, né, assistir peças, filmes, leituras, livros, às vezes aplicativo, às vezes software, enfim, são dicas, sabe? São dicas. É... e aí eles... é... indicaram a peça do Plínio Marcos, o Dois Perdidos Numa Noite Suja, e aí a gente deu uma leve conversada, eu não sei exatamente o quanto eles cortaram da conversa, mas a gente deu uma leve conversada sobre o Plínio Marcos, que é um autor que, putz, eu adoro, eu já... a gente já montou texto do Plínio Marcos, e aí eu fui me dando conta, quando eu tava falando com eles, foi meio improvisado aquilo, eu me dei conta, eu falei: "Cara, olha só uma coisa que eu não tinha percebido, o Plínio Marcos, ele é o Nelson Rodrigues que deu errado", né?

Orador B: Pois é.

(-risos)

Orador A: Ele é o Nelson Rodrigues que deu errado, porque o Nelson Rodrigues é um autor

que conseguiu cair nas graças da galera, né? Ele era um jornalista. E isso faz todo o sentido quando eu lembro que, inclusive, eu e o Hugo estávamos em Pelotas, Rio Grande do Sul...

Orador B: Sim.

Orador A: ... apresentando uma peça inspirada no texto do Plínio Marcos, O Palhaço Porquê, né, e o Hugo lá... é... abrihantando todo, né, nossa produção, maravilhoso...

Orador B: Ah amigo...

Orador A: ... fofo, (-risos), aí, viu? Ganhou. (-risos)

Orador B: Ai, gente, adoro quando é espontâneo assim. Nossa, adoro.

(-risos)

Orador A: Mas o que que rolava?! Não sei se você lembra, Hugo, mas rolava muito isso. A gente conseguiu muita divulgação na... na rádio, no jornal...

Orador B: Não, rádio foi uma coisa impressionante...

Orador A: ... a gente conseguiu muita divulgação.

Orador B: ... até, porque... é... primeiro eu me deparei com esse universo de que as pessoas lá escutam rádio mesmo...

Orador A: Ahã.

Orador B: ... e AM e FM, então, assim...

Orador A: Isso.

Orador B: ... em ambas as sintonias, e, cara, a gente... acho que passou uns dois dias só cobrindo os programas. Foi...

Orador A: É, e os... e os jornalistas de rádio, eles são seriões, cara, porque, assim, tinha horas que eles... uma vez, quando a gente foi uma ou... um outro ano, que a ética, a nossa equipe foi, que não era com o Hugo, o espetáculo era sobre... era sobre fazenda e tal, né? E aí o jornalista, ao vivo, falou assim: "Agora vamos para o break, mas no próximo... na volta, eu quero que os atores aqui, já que são pessoas muito estudadas, a gente quer conversar um pouco sobre o êxodo rural, ok? Vamos pro break".

Orador C: Êita.

Orador A: E aí eu fiquei assim: "Caraca, bicho, que isso? A coisa é séria aqui", sabe? Tipo, é uma conversa séria, eles não querem ficar assim: "Ah, fala o serviço, ah, como é que é... como é que é o seu personagem?".

Orador B: Sobre o êxodo rural.

Orador A: Sabe, não era uma conversa assim, não é, Hugo? Lembra que no... até no "Palhaço,

por quê?”, porque não era uma conversa assim: "Ah, e como é que é o personagem? O que que você a... o que que é que você tem de persona...", não, era uma conversa séria mesmo, os caras realmente querem bater papo sobre aquilo, sabe? Era uma parada massa. Só que o que que acontecia...

Orador B: Não, muito interessante.

Orador A: ... só que o que que acontecia...

Orador B: Desculpa, amigo...

Orador A: Pode falar.

Orador B: ... é que você falou do êxodo rural e eu lembrei do nosso querido colega, Obregas, que diz que, né, ele... ele está em...

Orador A: em constante...

Orador B: ... ele está em caminho desse próprio êxodo rural.

(-risos)

Orador A: É.

Orador B: Né? Que agora ele já está em São Paulo e que um dia estará o quê? Em Nova Iorque. É isso aí.

(-risos)

Orador D: No final é aqui, em Brasília.

(-risos)

Orador B: É, porque de onde ele veio migrando...

Orador A: Ele veio de Goiânia, ele veio de Goiânia.

Orador B: Ele vem de Goiânia...

Orador A: Ele fala que veio de Goiânia...

Orador B: ... teve em Brasília...

Orador A: Goiânia, Brasília... é.

Orador B: Por isso que ele diz, é o... é a vida dele mesmo, o êxodo rural. Ai, saudade.

Orador A: Mas aí o... o que que eu atribuo... o que que eu atribuo a esse lance do Plínio Marcos ser muito... é... divulgado? Porque ele era jornalista, então o nosso produtor local...

Orador B: Quer dizer, o Nelson.

Orador A: Não, no caso do Plínio Marcos lá. Tô falando lá em Pelotas.

Orador B: Ah, sim, perdão.

Orador A: O que que eu atribuo?

Orador B: Sim.

Orador A: O que que eu atribuo ele? Porque o nosso produtor local lá, quando a gente tava divulgando o espetáculo do Plínio, do Plínio Marcos, o... o... o produtor botou, logo de cara, no... no release assim: "Jornalista Plínio Marcos escreveu esse texto, não sei o que, e os atores de Brasília estão vindo apresentar", alguma coisa assim, sabe? O release dizia jornalista, e aí os jornalistas acabam, né, sendo meio corporativistas...

Orador B: Ah, sim.

Orador A: ... "Ah, vamos pegar e vamos falar sobre ele", e eu acho que o Nelson Rodrigues, ele teve isso, assim, logo no início da escrita dele, sabe? Tipo, porque ele é um jornalista que escreve teatro, entende? Ele não é um dramaturgo...

Orador B: Isso.

Orador A: ... natural, nascido como dramaturgo ou pensando como dramaturgo do início.

Orador C: Sim, sim.

Orador A: Ele vem de uma carreira de jornal, então ele já tinha uma pegada de escrever, mas ele já tinha muito leitor também quando ele começa a escrever, né? E isso muda bastante a ideia do cara... é... viver dessa arte, né, de escrever, né?

Orador B: Total. Na verdade, eu tava até comentando com os guris aqui, antes, é... da gente começar a gravar, que aí ontem, depois, quando eu terminei de ler a peça, que, pra mim, foi um grande prazer, porque realmente foi a primeira peça de teatro que eu li na vida, e... aí depois eu cheguei a ler de novo, quando eu tava fazendo a história do teatro brasileiro, na... na universidade e nunca mais tinha me deparado novamente com esse texto, então tava cheio de memórias afetivas e pensando: "Porra, se eu não tivesse lido Nelson com doze", porque foi isso, eu ia fazer treze anos, era um presente de aniversário ir assistir à peça, e... eu não teria ficado tão vocacionado de cara. Podia estar aí sendo bem sucedido, mas beleza, é... e eu... o que eu tava falando é que o Nelson... que... aí ontem eu fiquei empolgado, fiquei lendo, e aí o Nelson... é... tinha uma fala dele, dizendo que, na verdade, ele... olha que coisa invertida, né, que ele procurou a... a escrever dramaturgia para o teatro... é... pra buscar um upzinho, assim, na renda mensal, porque como jornalista tava pesado, e a primeira peça, que foi A Mulher Sem Pecados, ficou... é... foi um fracasso de público, e aí, quando ele surge com o segundo espetáculo, já é Vestido de Noiva, com uma estrutura dramática incrível, impressionante para o que a gente tinha de dramaturgia até então no Brasil, e aí ainda coadunou com a vinda do Ziembinski pra cá, que tava aqui há dois anos, e resolve... é... assumir essa montagem e, por uma série de características que a gente vai falar aqui, ela, de fato, se torna um marco... é... do teatro moderno brasileiro, né?

Orador A: É.

Orador B: E aí, nesse sentido, como ele já tinha uma carreira como jornalista, é... essa segunda atividade virou uma atividade de prazer a... e aí, o Nelson... eu tenho a impressão de que ele, ao mesmo que tempo que agrada o público, ele também violenta...

Orador C: É.

Orador B: ... e isso é muito legal como...

Orador C: Eu... eu... eu acredito...

Orador B: ... como artista que faz a gente refletir, né, e pensar na obra, enfim.

Orador C: ... acredito também que essa aceitação, que faz essa... essa discrepância que o Gustavo colocou, entre as obras do Nelson Rodrigues e algumas coisas do Plínio Marcos é porque o Nelson Rodrigues, além de tudo, ele teve uma aceitação da classe artística muito grande porque era da moda e era muito bem efetivo, né?

Orador B: Sim, sim.

Orador C: São atores que tinham feito teatro brasileiro de comédia...

Orador B: Isso.

Orador C: ... foram fazer espetáculos do Nelson Rodrigues porque também...

Orador A: Classe média, né?

Orador C: É, e... e... e era uma...

Orador A: É, ele era classe média.

Orador C: Exatamente, Copacabana e tudo mais, né?

Orador B: Ai, que bom que você falou isso, Josuel.

Orador C: Então essa adesão dos artistas, ela é uma adesão quase que natural também pelo circuito da arte naquela... naquela área da zona sul. E, em contrapartida, você tem o Plínio Marcos, só pra defendê-lo também um pouquinho...

Orador B: Claro.

Orador C: ... que a gente tem essa questão de Santos, do Bexiga, é... da Boca do Lixo, e que o Plínio Marcos...

Orador B: O Baixo São Paulo, né?

Orador C: O Baixo São Paulo. Diferente do Nelson Rodrigues, a aceitação dele se deu, no final dos anos setenta, a aceitação popular, porque ele começou a colocar artistas já reconhecidos pra fazerem os seus trabalhos, a exemplo do Tarcísio Meira e do Ney Latorraca, que fizeram

Beijo no Asfalto. O negócio é que fazer cinema naquela época em que a pornochanchada tava misturada...

Orador B: Sim.

Orador C: ... fazia com que a obra não ficasse tão potente para o público porque era mais um subproduto do cinema brasileiro; hoje, a gente vê como algo cult. Então a aceitação para obras do Plínio Marcos, elas se deram em forma de guerrilha da classe artística.

Orador B: Perfeito.

Orador C: Depois de eles já terem feito tanto teatro realista e naturalista, experimentar Plínio Marcos dava um tchan também na carreira do ator.

Orador B: Não, total.

Orador C: Até hoje, né?

Orador A: Tem uma coisa legal em comparação a essas duas estéticas, né, assim, em termos de leitura de texto... é... o Plínio Marcos, ele é o rock'n'roll, um rap...

Orador B: Total, é.

Orador A: ... sabe? O rap de periferia...

Orador B: É.

Orador A: ... uma coisa, assim, mais roots, ele é cru, ele é um... é... raw, né? Tipo assim, você... é... é difícil, ele é duro...

Orador B: Sim.

Orador A: ... inclusive a escrita é dura também...

Orador B: É, sim.

Orador A: ... sabe? Não é polida, é dura. Ele... ele... ele... ele não... ele espera de você que você compreenda mais coisas, sabe? Ele... ele coloca você... é... é... num lugar mais ativo na leitura, e o... o Nelson Rodrigues, ele é meio bossa nova, só que sem... só quem essa... essa limpeza da bossa nova, né? Aquela bossa nova também um pouco mais...

Orador B: Posturosa.

Orador A: ... é...

Orador B: É.

Orador A: ... é... é, muito estruturada...

Orador B: É.

Orador A: ... bem intelectualizada, né?

Orador B: Exatamente isso.

Orador A: Tipo, o leitor... o leitor do... do Nelson Rodrigues, ele não pode ser um leitor... é... não muito escolado na... em literatura, porque ele realmente exige, às vezes, é... planos diferentes, ideias diferentes, muito... às vezes metafóricas demais, porque é isso, ele é um cara da... da palavra, ele é... ele já é um escritor muito rebuscado que se aventurou em colocar, então, assim, ele tem toda esse... esse polido, né, assim, ele é o cara do Leblon, ele é o cla... ele é o cara da Bossa Nova...

Orador B: Sim.

Orador C: É.

Orador A: ... só que, o interessante é que ele não é quadrado, ele não é bonitinho...

Orador B: Sim.

Orador A: ... ele não é uma... um cara numa praia...

Orador B: Não mesmo.

Orador A: ... coxinha, não, ele é roots também, então...

Orador B: É.

Orador A: ... é... é bem contraditório, sabe, porque a escrita...

Orador B: É.

Orador A: ... tem um formato super erudito e... e, mas o tema é grosseirão, sabe, assim? Então é muito interessante.

Orador B: Então, mas você falou... vocês falaram exatamente as questões... é... o... o Plínio, ele vai pegar realmente essa... essa questão do que a gente poderia chamar de submundo, né, de periférico, de marginal, é... e o Nelson, ele vai jogar os tabus da classe média carioca dos anos cinquenta na cara da própria classe média.

Orador A: Uhum.

Orador B: E o que é muito doido é porque teve grande aceitação, talvez até por falta de compreensão mesmo da própria crítica...

Orador A: Uhum.

Orador B: ... realizada por ele...

Orador A: Sim, é.

Orador B: ... né? Então, nesse sentido, são autores que eu acho muitos... muito distintos, mas muito próximos também na questão da pegada...

Orador A: Uhum.

Orador B: ... ele vai mostrar propriamente o que não é muito comum ou que os lados que a gente não gosta de mostrar, né?

Orador C: Comunista, né?

Orador B: É.

Orador C: Comunista é isso.

Orador A: E o Nelson Rodrigues muitas vezes é usado como porta de entrada pra semiótica, né, pro estudo da semiótica de alunos de faculdade.

Orador B: Sim.

Orador A: Quando você vai estudar semiótica, semiologia e coisa atri... atreladas ao teatro, né, se usa muito, principalmente o Vestido de Noiva, se usa muito... é... peças do Nelson Rodrigues pra você poder falar, porque talvez tenha sido um dos primeiros... é... textos brasileiros, se você quer dar um ufanismo, ou uma... uma coisa mais patriótica...

Orador B: Sim, sim.

Orador A: ... pra você discutir esses assuntos com textos brasileiros, é... realmente ele marca... como o Hugo falou, ele marca o teatro moderno, ele marca uma estética moderna de fazer e isso me leva no ponto mais triste, que eu acho, do Nelson Rodrigues, é que eu acho que até hoje, no cinema, eu não vi boas montagens...

Orador B: Ai...

Orador A: ... eu não... não vi nenhuma montagem do Nelson Rodrigues...

Orador B: ... eu tô esperando uma...

Orador A: ... que eu olhasse e falasse: "Aí, galera, vocês gostaram e vocês estão fazendo o texto bem"...

Orador C: ... do Daniel Filho.

Orador A: ... sabe?

Orador C: Ah, desculpa, eu e a Luciana conversando aqui em paralelo, desculpa, amigo.

Orador A: Não, pode... pode falar, tudo bem, tudo bem.

Orador C: É que a gente tá esperando duas... ela tá esperando uma e eu tô esperando uma outra.

Orador A: Qual?

Orador C: É... fala aí, Lu.

Orador D: Uma é... é a do Lázaro Ramos, né, que eu acho que ele atuou como diretor no Beijo no Asfalto, fez uma montagem. Eu quero muito assistir, porque me parece que ele trabalha também questões relativas à metalinguagem e tô muito curiosa.

Orador B: Show.

Orador D: Ainda não vi...

Orador A: Maravilha.

Orador D: ... mas me parece muito interessante.

Orador B: E eu tô esperando Boca de Ouro, que o Daniel Filho, que eu amei quando ele fez A Vida Como Ela É...

Orador C: Sim.

Orador D: ... eu tava no início...

Orador C: Era maravilhoso.

Orador D: ... da... da minha história com o teatro e eu me lembro que eu ensaiava nos domingos e saía correndo...

Orador C: Uhum.

Orador B: ... pra chegar pra ver o Fantástico e assistir as crônicas da Vida Como Ela É, que, muito bem lembrado pelo Josuel, o Nelson, um cronista incrível, tem mais de mil crônicas sobre a obra...

Orador C: E outra... é...

Orador B: ... e a Globo selecionou quarenta pra adaptar e transformar... é... num produto mesmo, né?

Orador C: ... e também cronista policial, né?

Orador B: Sim.

Orador C: De onde vêm essas históricas loucas.

Orador A: É, e quando eu fazia faculdade, a minha diversão era pedir pro Hugo Leonardo... é... falar que o Leonardo assistiu tanto essas coisas que ele sabia de cor vários esquetes...

Orador D: Sim.

Orador A: ... e ele ficava falando pra gente, era maravilhoso. Um dia vocês podem pedir pra

ele.

Orador B: Ah, porque eu amo mesmo, cara. E aí é legal quando você tem um pouco de acesso também de como foi feito isso...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... porque na... naquele momento, o Daniel meio que criou quase uma trupe teatral...

Orador A: Ahã.

Orador C: Verdade.

Orador B: ... então você tinha um... um esquema de elenco...

Orador C: Rotativo.

Orador B: ... que era rotativo, mas eles estudavam juntos...

Orador C: É.

Orador B: ... os textos, é... então essa construção, tipo assim, é... o cenário do prostíbulo era o mesmo...

Orador C: É.

Orador B: ... pra todos os episódios que tinham o prostíbulo, então isso, que deve ser um exercício, pro ator, maluco, porque você grava todos os episódios naquela locação, que tem dez cenas assim, e aí... é... porra, era um exercício que só a gente tendo essa coletividade ... é... de... da pesquisa...

Orador A: Do teatro, né?

Orador B: ... teatral, né, propriamente...

Orador A: É.

Orador B: ... que a gente consegue, de fato, wow, ligar a chavezinha e conseguir gravar...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... então, é... eu sou... tô muito esperando o Boca de Ouro do... do Daniel.

Orador A: Pois é, eu tô... eu tô muito ansioso agora que a Luciana falou que tem o Lázaro Ramos fazendo também e eu... putz, esse... primeiro, porque o Beijo no Asfalto, pra mim, é o melhor texto dele, é o... é o que eu mais gosto, mas eu acho que eu gosto porque eu já montei esse texto, então eu tenho um carinho...

Orador C: É.

Orador A: ... é... diferente, né? Eu já interpretei, já criei, já dirigi esse texto, então eu acabei

olhando pra ele um pouco diferente, assim...

Orador D: Sim.

Orador A: ... do que os outros, né? Eu gosto dos outros também, mas... mas o Beijo no Asfalto eu adoro, e eu a... eu amo o Lázaro Ramos de todos os jeitos, então...

Orador B: Ai, ele é incrível, né?

Orador D: Eu também.

Orador A: ... eu acho que vai ser um casamento maravilhoso, porque, realmente, eu tenho uma tristeza com esse lance das montagens de cinema. É... o Que Isso Assim, que é o podcast que nos... que também nos apoia aqui, o do Portal Refil, fez um episódio do cento e trinta e seis do... do... sobre os Sete Gatinhos, né, que é uma montagem de um filme, cara... cara, esse filme, Sete Gatinhos, aí mi... minha opinião pessoal, eu acho muito pobre, sabe?

Orador C: É o com o Lima Duarte?

Orador D: É, e a Regina Casé.

Orador A: É. Eu acho... é, eu acho que ele muito pobre, assim, tipo, ele mais uma zueira... é...

Orador C: É.

Orador A: ... com uma desculpa... porque a estética dele é... é... é... é pobre, sabe? É... é uma estética pobre, eles não apelaram. Tipo, com... com o recurso do audiovisual... porque o cara escrevia o... o Vestido de Noiva, por exemplo, ele escrevia pensando num teatro, né?

Orador C: Sim.

Orador A: Então quando... quem... quando você vai ao teatro, você tem um... uma limitação de recursos, ainda mais um teatro nessa época, né, você tem uma limi... limitação de recursos físicos, né, você não faz efeitos especiais...

Orador B: Total.

Orador A: ... você não consegue fazer noite e dia com mais facilidade, você tem o percurso da peça, dura duas horas ali e tal, e uma filmagem você pode fazer em semanas, né, ter locações diferentes. Então, assim, o recurso audiovisual te permitirá fazer um Nelson Rodrigues com uma potência que o texto exige, mas aí eles se pegam numa parada muito sexual, muito simbólica boba, sabe? Então, assim, eu acho esse filme... e olha que eu não sou muito de falar mal de filme assim, sabe, ainda mais... ainda mais nessa época ali, mas eu acho um filme muito pobre, sabe? Uma má representação. O que eu acho que é mais potente do Nelson, principalmente pensando, por exemplo, no Beijo no Asfalto, o... o que eu acho simbólico do Beijo no Asfalto é o cara começa a peça como uma pessoa que já tá com um problema, porque tem alguém dizendo, sabe, alguém disse que realmente um cara deu um beijo em outra pessoa, mas a gente não vê a... a cena do beijo no asfalto, né? Que é um cara que, supostamente, foi atropelado por um motorista de van...

Orador C: Na Praça da Bandeira. Isso.

Orador A: ... na Praça da Bandeira, e, antes de morrer, uma pessoa foi acudir e ela... a última coisa que ela falou foi: "Me dá um beijo"...

Orador C: Ele pediu isso.

Orador A: ... e aí o cara deu um beijo e o outro morreu, entendeu? E, tipo assim, a... a... esse é o fato. Quer dizer, a gente não sabe que esse é o fato, porque essa cena não é... não é vista, essa cena não é encenada.

Orador C: Sim.

Orador A: Essa cena não é apresentada, essa cena só é narrada pelo jornal.

Orador C: Sim.

Orador A: A gente só ouve falar dessa cena, e toda a história é baseada nesse lance, então, assim, na verdade, o Beijo no Asfalto não é sobre uma pessoa que deu um beijo no asfalto; o Beijo no Asfalto é sobre a mídia, entendeu?

Orador D: Exato.

Orador A: E... e... acho que esse é o lance. E quando eles pegaram e... e fizeram a montagem dos Sete Gatinhos, eles fizeram uma montagem... é... erótica sobre as sete meninas, sabe? Tipo assim...

Orador C: É, é.

Orador A: ... eles não sacaram a... eles não sacaram a piada. Ou, se sacaram, optaram, obviamente, não é que eles não sacaram, né?

Orador C: Eu sinto que Nelson, Gustavo, foi respeitado, enquanto produto audiovisual, depois dos anos noventa. A gente ainda teve outras tentativas, nos anos oitenta, que foi uma novela das seis, chamada O Homem Proibido.

Orador A: Uhum.

Orador C: Como é que você vai pegar uma obra de Nelson Rodrigues e lançar no horário das seis em plena ditadura militar...

Orador B: Não, gente, tá maluco, é.

Orador C: ... é impossível.

Orador A: Sim, sim.

Orador C: Então a interferência... houve interferência da censura, na época, e ela foi transformada num melodrama barato em que o próprio Nelson pediu pra novela ser encurtada, porque, de fato, não tava fazendo jus à obra dele e ta... não, o Nelson não, os familiares do

Nelson, porque era de oitenta e dois, ele já tinha morrido. E aí pediram pra que a obra fosse encurtada porque tava usando um título pra uma obra homônima que não tinha mais nada a ver com o contexto. Dentro dessa perspectiva, a obra, de fato, foi até o final não sendo a obra do Nelson Rodrigues, sacou?

Orador A: É.

Orador C: Então quando você tem, em mil novecentos e noventa e quatro, noventa e cinco, A Vida Como Ela É, como... quando você tem Engraçadinha com um outro formato...

Orador D: É, sim, agora...

Orador C: ... é... é um boom estético muito grande...

Orador A: ... é, verdade, é verdade.

Orador C: ... e faz a gente se encantar muito com a obra do Nelson em TV...

Orador A: Só que A Vida Como Ela É tinha um apelo...

Orador B: ... em... no audiovisual.

Orador A: ... só que A Vida Como Ela É tinha um apelo erótico também muito grande, né? Eu acho assim, que a montagem audiovisual fazia tipo um foco mais... tipo, A Vida Como Ela É, ela era um pouco mais forte, com um pouco mais ênfase...

Orador C: Sim.

Orador A: ... na questão erótica, mais do que, propriamente...

Orador C: Muito.

Orador A: ... as crônicas. As crônicas têm a parada sexual, erótica, porque é sobre a moralidade lalalá, só que, tipo assim...

Orador C: Uhum.

Orador A: ... não é esse, cem por cento, o foco, né?

Orador C: Sim.

Orador A: É a moralidade, muitas vezes. Só que eu acho que, pra ir pra TV... é isso que eu acho, eu acho que a galera lê o Nelson Rodrigues de uma forma muito pornográfica sempre, e ele, inclusive...

Orador C: É.

Orador A: ... tem aquela biografia dele, O Anjo Pornográfico...

Orador C: Tem o Anjo Pornográfico.

Orador D: Exato.

Orador A: ... ele é muito lido... ele é muito lido nesse lugar, assim, mas é pouco lido no que eu acho que o teatro dele tem de mais potência, que é a simbologia, a semiótica, né? A... a... a metáfora.

Orador C: Isso, isso.

Orador A: Eu acho que ele é pouco lido como metáfora, sabe? Ele é muito literal nesse sentido.

Orador B: Então, o que eu acho que, assim, eles buscavam... primeiro foi gravado em... em película, né?

Orador C: Sim.

Orador B: Acho que dezesseis milímetros, e aquilo já dava um tom... tinha um tom meio sépia, né, já sobre a... as imagens, e isso já te dava um...

Orador C: Era um pouco de requinte.

Orador B: ... fazia você... é, você dar uma viajada ali naquele ambiente.

Orador C: É.

Orador B: E... eu acho que, claro, tem um apelo... a gente tá falando de TV e... com atrizes e atores que era, assim...

Orador A: Sex symbol, né?

Orador B: É, é.

Orador A: Sim.

Orador B: Mas eu acho que o que o Daniel buscava com os atores era mais uma questão de: "Vamos fazer essa cena com muita pegada, principalmente sexual, pra quando vier o impacto", que era como terminavam as... as crônicas, é... "a galera ficar meio sem fala"...

Orador C: Sim.

Orador B: ... e, cara, eu percebia, assim, que lá em casa, que eu vinha correndo, eu amava, minha mãe achava muito chato e o meu pai de criação, que é pai dos meus irmãos mais novos, ele odiava, porque normalmente acabava mal.

Orador C: Ah, sim, sim.

Orador B: Então ele ficava, porra, chateado da vida.

Orador C: O da geladeira, da Maitê Proença, pra mim, é de rasgar a alma.

Orador B: Ah, aquele é de rasgar, mas tem...

Orador C: É.

Orador B: ... tem um que eu amo muito, apesar de toda a... porque o Nelson é aquilo que eu tava falando, ele, apesar de ter sido bem querido até pelo público da classe média, ele parece que queria agradar e, ao mesmo tempo, ofender, então tem um que eu amo, que é A Esbo... A Esbofetada, porque a moça rouba a... o namorado da amiga porque ela fica meio pirada, assim, que ele tem um... um lance meio possessivo, e que desceu o tapa na amiga, essa amiga contando, e ela assim: "Nossa, mas se fosse comigo, eu acho que eu daria um tiro na boca", e aí vem a narração do Wilker, que era incrível: "Mentira"...

Orador C: Sim.

(-risos)

Orador B: ... aí mostrando ela delirando, né, com aquelas histórias, aí ela liga pro cara, eles marcam um encontro e, rapidamente, eles... é... ele deixa a outra e fica com ela, e aí a outra fala: "Ah, mas a minha sorte é que você ainda vai levar muito tapa nessa tua cara"; isso não rola com ela, e ela fica chateada da vida...

Orador C: Frustradíssima.

Orador B: ... que ela fala: "Ué, mas você não tem ciúmes de mim?", e ele: "Não", ela... e ele vê a cara dela e fala: "Mas... é porque eu preferia que você tivesse ciúmes de mim", então, é... muito doida, e ela pergunta: "E se eu te trair?", "Não, eu te perdoaria", "Mas se eu te vol... se eu voltar a te trair?", "Eu continuarei te perdoando". Aí, menina, essa menina, que era uma moça... (-risos) recatada e tal, começa a mudar totalmente o comportamento até que, de fato, num belo dia, num baile, ela trai ele e ele pega ela, e aí o Daniel Filho falou pro Cássio Gabus Mendes... era o Cássio e a Malu Mader, falou: "Desce...", não falou pra Malu, mas falou: "Desce a mão na hora do tapa". Cara, velho, foi um tabefe tão escroto, mas sabe, daqueles assim, que ela caiu, e aí já veio muito emocionada, né, tipo... porque eu acho que foi muito inusitado, falando: "Eu esperava tanto por essa bofetada".

(-risos)

Orador B: Cara, é tão lindo aquilo. Velho, eu amo.

Orador C: Que maravilha.

Orador B: É, é.

Orador C: O que me deixa muito encantado é saber que todas essas histórias que Nelson Rodrigues colocou em processos de dramaturgia ou em processo de crônica voltada à cena, é... são as histórias... algumas fictícias ou não, a gente nunca vai saber, que ele presenciava enquanto cronista policial do jornal.

Orador D: Uhum.

Orador B: Ahã.

Orador C: Então quando você vê esses pactos que sempre existem nas obras do Nelson Rodrigues, né, vamos morrer junto, a gente se joga embaixo do trilho do trem...

Orador B: É.

Orador C: ... porque, de fato, houve um caso lá no Rio de Janeiro, eu acho que em Botafogo, que um casal se matou, ou na Gávea, não lembro, e ele foi usando isso como um... um processo que deixa o nosso imaginário esperando essas coisas das obras de Nelson. O que eu gosto muito do Nelson Rodrigues é que ele dá em nós, leitores, uma vontade de imaginar a cena e, em seguida, ele traz essa cena literal.

Orador B: É.

Orador C: E isso dá uma sensação de saciar mesmo as nossas vontades, só que aí, como o Gustavo pontua que é difícil colocar isso em cena, é difícil também para um ator interpretar Nelson Rodrigues...

Orador B: Ah, bem...

Orador A: Ah, sim, é.

Orador C: ... porque já tá tudo tão bom, o texto já é maravilhoso...

Orador A: É.

Orador C: ... a rubrica de Nelson Rodrigues, ela é quase uma direção...

Orador D: Ahã, isso é.

Orador B: ... cênica.

Orador A: Mas ela é.

Orador C: Ela é uma direção cênica.

Orador B: É, é.

Orador C: Então eu penso nos elementos espetaculares quando ele coloca bem assim, em algumas peças dele: "Treva", eu já imagino, se eu fosse diretor eu tava fudido...

Orador B: É.

Orador C: ... pra conseguir saber botar esse segundo plano, esse terceiro plano, porque Vestido de Noivo... Vestido de Noiva...

Orador B: Ahã.

Orador C: ... tem três planos, né?

Orador B: Isso.

Orador C: É a realidade, um devaneio, né?

Orador B: Isso, as alucinações... ai, que bom, vamos fazer esse briefing, né? Senão... a peça...

Orador A: É, eu lembro do... do... acho que no Beijo no Asfalto, que tem uma rubrica bizarra, que era tipo assim... eu não sei... eu não lembro mais o nome do personagem, que sentava ao telefone, tipo: "Senta ao telefone hipostênico". (-risos)

Orador B: Hipostênico.

Orador A: Aí... aí eu fiquei: "Como assim, o cara senta ao telefone hipostênico?", eu tive que procurar no dicionário...

Orador B: É.

Orador A: ... o que que era hipostênico, que é uma mistura de melancólico com triste, sabe?

Orador C: É maravilhoso. Virgínia, do Anjo Negro...

Orador A: Uma coisa assim. Eu falei: "Caraca, como é que eu vou fazer isso, cara? Que bizarro, cara".

Orador C: ... "Virgínia olha para Ismael e, digna, se senta", eu penso: "Caramba, que legal, né? Você se sentar digna deve ser de uma..."

Orador A: É, digna, né?

Orador C: ... mas essa pontuação é o que faz a obra ser magnânima...

Orador B: Total, total.

Orador C: ... porque, por mais que um ator, uma atriz, seja muito bom na interpretação, que a direção seja muito boa, a gente tem que pensar que a obra de Nelson, ela é... ela é genial por si só.

Orador B: Exato.

Orador C: O desafio é não cagá-la, né?

Orador D: É, posso só contar duas anedotas...

Orador B: Na verdade...

Orador C: Claro.

Orador D: ... que eu acho que... que têm muito a ver com a obra do Nelson Rodrigues, porque vocês falando isso tem uma graça, né, nos personagens...

Orador C: Tem.

Orador D: ... que eles são cafonas.

Orador B: São Cafonas, exato.

Orador D: Eles são caricatos, né? Tipo, eu lembro da Engraçadinha falando do marido Zózimo, que suava nas mãos, então o tempo inteiro o ator que fazia o Zózimo tava muito afoito o tempo inteiro e enxugando as mãos, então eles têm uma... uma... uma graça caricata que eu acho que o próprio Nelson tinha...

Orador B: Total.

Orador D: ... porque eu me lembro de uma fala... eu fui assistir uma peça do Sérgio Britto, que era uma peça autobiográfica, e o Sérgio Britto disse assim, que ele ia interpretar o Amado Ribeiro, que é o jornalista do Beijo no Asfalto...

Orador C: Uhum, do Beijo.

Orador A: Ahã.

Orador D: ... e aí ele falou assim: "Eu queria parecer a pessoa mais cafona do mundo", e aí ele foi lá, colocou um paletó meio surrado, maior do que ele, uma calça meio larga amarrado com cinto, a... uma blusa amassada, penteou o cabelo de uma certa maneira e foi mostrar a roupa para o Nelson. Quando ele chegou lá, o Nelson tava vestido exatamente igual.

(-risos)

Orador B: Caraca, velho.

Orador C: A... a Luciana colocou uma coisa ótima...

Orador D: É.

Orador C: ... dessas frases que ele coloca no meio do texto...

Orador D: É.

Orador C: ... que a gente sabe que são pensamentos de Nelson Rodrigues...

Orador D: É.

Orador B: Total.

Orador C: ... na boca da personagem.

Orador D: Isso.

Orador C: Tem uma do Paulo Betti que é: "Gracinha, Gracinha, não masca chiclete; moça que masca chiclete não se valoriza, eu tô aqui pra te valorizar".

(-risos)

Orador B: Você fala: "Meu deus".

Orador D: Tem uma outra... tem uma outra anedota que é maravilhosa, que é quando ele a... a Perdoe-me por me traíres, que começa a peça...

Orador B: Ah, eu vi com a Marília Pêra, cara.

Orador D: ... começa a peça e você... você escuta a... uma conversa da personagem narrando e dizendo que o Herculano foi até o bordel onde ela trabalhava e ele ficou três dias no bordel e ele transou com ela doze vezes em... em três dias, então todos os dias ele transou com ela quatro vezes.

Orador B: Uau.

Orador D: Isso, um festi... foi um festival, e aí a... a Fernanda Montenegro interpreta a personagem principal e fala assim: "Mas Nelson, doze?", e aí o Nelson olhou pra ela e falou: "Fernanda, e a poesia?".

(-risos)

Orador C: É disso que a gente tá falando aqui.

Orador D: É, isso... isso é uma coisa extremamente encantadora, né?

Orador A: É.

Orador D: Que ele dizia assim, que não beijava na boca, e aí a mulher dele, em uma entrevista, depois falou: "O quê? Mas ele me beijava na boca o tempo inteiro, ele era um super beijoqueiro", então ele tinha também umas frases de efeito...

Orador A: É.

Orador D: ... e uma persona social... né...

Orador B: É, É aquilo que eu tava falando, ele...

Orador A: Só que era sério, né? Eu acho que tem um lance...

Orador B: Era.

Orador C: Ele era.

Orador A: ... que eu acho que é sério. Por exemplo, esse do... do... do... falando do texto, né, quando você lê o texto. Esse do Amado Ribeiro, no... no Beijo no Asfalto, tem umas... e o... e o Vestido de Noiva também tem um pouco assim...

Orador D: Uhum.

Orador A: ... a pontuação do texto escrito, ela é diferente...

Orador D: Sim.

Orador A: ... né?

Orador B: É.

Orador A: Tipo, o cara fala...

Orador C: Sim.

Orador A: ... sei lá, o cara tá falando: "Olha, a gente precisa... não, espera, é... Amado, escuta..."

Orador C: É.

Orador D: Uhum.

Orador A: "... é...", sabe, tipo essas pausas...

Orador D: Uhum.

Orador A: ... que, normalmente, você escreveria isso com reticência, porque você quer dizer que o ator tá pensando...

Orador D: Uhum.

Orador C: É.

Orador A: ... você põe reticências, né?

Orador B: Sim.

Orador D: Uhum.

Orador A: Tipo: "Não, espera... ãhn... já sei, eu acho que a gente deveria... não, vamos melhorar isso", sabe? Tipo, como se fosse assim, só que ele escreve no texto com ponto. Tipo: "Amado, ponto"...

Orador C: Sim.

Orador A: ... "Espera, ponto, eu acho que a gente deveria, ponto", e aí você lê e fala: "Como assim, ponto? Eu vou... como que eu vou falar... eu acho que a gente deveria..." e segue pensando com ponto...

Orador D: Sim.

Orador B: Genial, cara.

Orador A: ... que porra é essa, meu, você tá louco, sabe? Só que é isso, eu acho que é uma parada séria. É... é... o brega dele, o cafona, é sério. E quando eu fui... quando... quando você vê montagens, principalmente essas montagens da pornochanchada, elas são muito goofs, sabe? Elas são muito assim, os caras... o... o Lima Duarte, por exemplo... talvez porque eu não

curta muito o Lima Duarte na interpretação, mas eu... mas eu fico assim, achando que tá exagerado demais, tá... tá... tá colocado pra ficar bobo, porque é bobo.

Orador B: Sim, sim.

Orador A: Só que é bobo sério, né? Aquele bobo de palhaço, né, na... não o bobo...

Orador B: Exato.

Orador A: ... não bobo porque ele é ãhn, babacão, e fala de um jeito estranho...

Orador B: Ahãh.

Orador A: ... não, ele é sério, o personagem é digno, só que ele é idiota; o personagem, ele é zuado porque ele é, é uma crítica social a esse... a essa figura, sabe? Então e... esse é um ponto que eu sempre sinto... é... dificuldade de ver montagens de Nelson... justamente pelo fato de as pessoas levarem o personagem pro lado cômico, quando que a comicidade tá na seriedade da escrita dele já, sabe?

Orador C: Tá na seriedade.

Orador D: Sim, sim.

Orador C: Tá na desgraça, tá na... tá...

Orador B: Sim, mas aí... é... pra mim, é o que eu acho... eu acho mais incrível de qualquer comicidade, né, porque eu me incomodo um pouco com ator que conta piada e ele ri mais que a plateia.

(-risos)

Orador B: Que porra é essa, gente? Que porra é essa, fala...

Orador C: Sabe, Hugo, eu sempre penso que quando o Nelson coloca essas pausas, como o Gustavo narrou...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... pra mim, é uma lembrança pregressa do Nelson dos tempos de redação de jornal, porque, pra mim, é muito igual...

Orador B: Ahãh.

Orador C: ... o processo de... de você tá atendendo o telefone e... ele coloca tão bem... é... em texto teatral, como é uma chamada de telefone, que eu não vejo isso nem em televisão, né?

Orador B: É.

Orador A: Exato, cara, exato.

Orador C: Essa coisa do: "Alô, não, pera, o quê, quando?", então eu sinto que, quando ele

coloca essas pontuações do: "Ah, vem cá, batata, não era isso que eu queria dizer"...

Orador B: Ai, adoro batata.

Orador C: ... eu sinto que é proposital pra dar pra gente uma sensação de que a vida é corrida, que o pensamento vem junto com a vida e que, às vezes, o cara tá pensando uma coisa pseudossexual, tomando café, redigindo um texto, na frente do chefe.

Orador B: Total, total.

Orador C: Sabe?

Orador B: Gente, é muito doido. A gente vai falar do Vestido de Noiva, tá, ouvinte?

Orador C: É, a gente vai falar, é que a gente ama Nelson.

Orador B: Mas é porque... é, o Nelson tem tanta coisa. Tem um que eu adoro, uma crônica que também virou... é... foi uma das adaptadas pra Vida Como Ela É, aí tem uma vizinha baranga que inferniza a vizinha que tem uma vida conjugal incrível, e ela começa assim: "Ué, mas tô vendo que o teu marido não tá aqui", ela fala: "Foi no futebol", "Ah, futebol", e a outra assim: "Gente, mas tem... ora, pipocas", eu adoro essas expressões...

Orador C: É.

Orador B: ... "Ora, pipocas, mas tem coisa mais..."... é... como que é? "... inocente do que futebol?", "Ahã, você diz que teu marido tá contigo de fio a pavio, não tá no trabalho, tá em casa, e domingo de tarde ele tá onde? No futebol", e aí ela arrasta a outra pro Maracanã: "Vamos ver mesmo se ele tá lá no futebol", e aí elas vão e começam a anunciar: "Romário Pereira, Romário Pereira, sua esposa lhe aguarda aqui na superintendência", cara, e aí... cara... é... um... lá no... era Flamengo e... e Botafogo, o estádio enlouquecido e o cara: "Romário Pereira", e a mulher desesperada porque o pânico dela... ela falava: "Poxa, eu sempre pedi pra não ser traída... é... e se eu fosse traída, eu não queria saber. Por que que tu me mostraste?", a outra falava... e a outra muito boa, cara, que aí são esses pensamentos, ela: "Mas o bonito da mulher ser traída e aguentar o rojão"...

Orador C: É.

Orador B: ... e, cara, eu adoro isso. E aí, no final, rola um acidente e ela é atropelada, essa baranga, aí a outra vai, gente, a coisa mais impactante que eu já vi, assim, que eu fiquei... acabou e eu fiquei assim, ó, porque aí ela puxa o corpo, abraça o corpo junto ao dela e aí, velho, você acha que vai começar um choro e, na verdade, é um riso, ela assim: "Bem feito". (-risos) "Bem feito" (-risos). Cara, é muito incrível, e eu assim: "Caralho, velho, só Nelson Rodrigues nessa vida".

Orador C: Na semana passada, a gente falou da adaptação... no programa passado, aliás, a gente falou do texto do Ibsen e como era importante atualizá-lo pros temas... pros temas atuais.

Orador A: É.

Orador C: O do Nelson, que usa gírias da década de trinta, da década de quarenta...

Orador B: Sim.

Orador A: Carioca, né?

Orador C: ... a gente não conse... é, gíria carioca dessa década, a gente não consegue tirar, porque se a gente tira...

Orador B: Não.

Orador C: ... a gente desvirtua totalmente uma linguagem.

Orador B: Não, perde o sentido, né, um pouco. É.

Orador C: É. Então a batata, por mais que não exista, a pipoca...

Orador B: Ai, adoro falar: "É batata".

Orador C: É...

Orador B: Eu adoro.

Orador C: ... se não usar parece que não é Nelson, né?

Orador B: É, é.

Orador C: Tem uma frase dele que eu levo pra vida, que é: "Eu não acredito em mulher de pele boa".

(-risos)

Orador C: E isso é muito maravilhoso, que é quando a pessoa é bonita demais... é de Dorotéia, esse texto.

Orador B: Sim.

Orador C: "Eu não acredito em mulher de pele boa", então são essas coisas que ele joga, que você fala assim: "Esse pensamento é teu, Nelson, e tu tá colocando no meio só pra gente pensar que faz parte da poesia".

Orador B: Exato, e aí é nesse sentido que, ao mesmo tempo que eu acho que ele queria agradar o público, ele também violentava muito o público".

Orador A: É.

Orador B: E... e eu acho isso ótimo, porque, como artista, é perturbador, né? Então... e a gente tem que mostrar como o ser humano, ele é complexo, ele é um paradoxo. É... ele trabalha muito com essa questão... é... da rivalidade dentro dos... dos textos dele, então, hoje em dia, nessa questão... de... da evolução da discussão sobre o feminismo...

Orador A: É porque ele escreve muito sobre mulheres, né? Só que a... a visão dele, hoje...

Orador B: Nossa, muito.

Orador A: ... sobre mulheres, é assim... é um pouco... é um pouco problemática, eu acho, sabe? Assim...

Orador B: É problemático pra sociedade atual.

Orador A: ... eu já vi muitas... eu já vi muitas mulheres falando e muitas pessoas...

Orador B: Com certeza.

Orador A: ... a Luciana tá aí, pode... pode dar a visão...

Orador B: Sim.

Orador A: ... mas as pesso... muitas mulheres que eu escuto falando sobre isso fala que sente que ele não sabia exatamente escrever sobre mulheres, sabe? É meio como Tolkien, tipo, as... as... as falas das mulheres soam como um homem pensando uma fala de mulher, sabe? Tipo, ele não... ele não conseguiu ter essa... essa percepção, porque muitas vezes são bem preconceituosas, são muito rasas ou são muito rivais, são muito assim, é um... é um plano só...

Orador B: Sim.

Orador A: ... sabe? É só uma visão sobre aquilo. Claro que é uma característica que existe no ser humano, mas... mas quase todas implementam a mesma... a mesma ideia, assim, sabe? É flat, nesse sentido, sabe?

Orador D: Só uma coisa... é... que eu acho importante... interessante falar sobre a dramaturgia, é porque quando a gente lê o Nelson, a gente sabe que a gente tá lendo Nelson.

Orador B: Total.

Orador D: E ele conseguiu criar uma marca, então os personagens... falam assim, né?

Orador B: É.

Orador D: "Papai, pelo amor de deus, escuta, tenho mais confiança em Arandir que em mim mesma"...

Orador B: Exato.

Orador D: ... "Se tivesse acontecido o que o jornal diz... papai, hoje de manhã...", então...

Orador B: Maravilhoso.

Orador C: É.

Orador D: ... é... você sabe... você sabe que você tá lendo Nelson, e isso é muito interessante, porque é uma marca...

Orador B: Total, é.

Orador D: ... e... né? E... e... e esse estilo, né, que ele conseguiu desenvolver é muito marcante e é muito legal, né? Quando você lê outros dramaturgos, por exemplo, você não consegue perceber essa marca...

Orador B: Não.

Orador D: ... tão claramente, né?

Orador B: Exato, você vê... é... é uma questão estética impressa na...

Orador D: Sim, sim.

Orador B: ... no... na própria maneira de escrever. E, Gustavo, eu acho exatamente, eu tava falando exatamente dessa questão. É... hoje em dia, você pegar uma obra do Nelson, em tempos que a gente tá reafirmando...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... é... esse novo olhar sobre o feminismo, a questão da sororidade entre as meninas...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... não se verem mais como rivais... é... mas eu acredito que, poxa, ele escrevia isso, exatamente, nos anos cinquenta... é... tá, nos anos quarenta, ele começou a escrever pra teatro... é...

Orador C: Tinha esse fim do casamento com a conso... com a consolidação social.

Orador B: ... mas... tinha... uma instituição, exato.

Orador C: É.

Orador B: E a mulher muito subjugada, e, na verdade, se a gente for olhar a obra, porra, tem umas... A Dama da Lotação, wow, né? É de uma subversão, gente, que até a mulher, talvez, daquele período, mais liberal, ficasse chocada, né?

Orador D: Uhum.

Orador B: É... e... e eu acho isso incrível. Eu acho incrível. Eu só acho que, hoje, ficaria um pouco descontextualizado...

Orador D: É. É, eu acho complexo, como mulher, assim. Durante muito tempo, eu dei uma negada, assim. Eu neguei o Nelson muito tempo, e ainda nego em alguns aspectos. Por exemplo, na Engraçadinha tem uma cena que é uma cena muito triste, em que ela ganhou a geladeira, o cara quer ficar com ela... esqueci o nome do personagem, e ele dá uma geladeira pra ela, e eles são tão pobres que eles não têm nada pra pôr na geladeira, só água, e aí ele olha pra ela tirando a água de dentro da geladeira, né, uma... uma água pra servir no copo, e ele pensa... e vem uma narração em off, e ele diz: "Em todo o Brasil, em qualquer lugar, vai ter

sempre uma mulher linda e morrendo de fome". É...

Orador B: Caramba, é.

Orador D: ... entende? É uma frase... é uma frase muito rasgada.

Orador B: É muito...

Orador D: Né? E... e também, às vezes, o Nelson constrói o universo tão bem construído que parece que tudo que ele diz são verdades absolutas, e não a verdade da personagem. É...

Orador B: Você sabe que eu sofro disso, Lu?

Orador D: É.

Orador B: Porque eu sou leonino... Gustavo também é, mas ele diz que é outra coisa, porque ele não acredita nessas merdas.

Orador D: Uhum.

(-risos)

Orador B: Aí... é...

Orador A: Impressionante como esse assunto tem sempre que aparecer, né? Impressionante.

Orador B: amigo, eu nunca vou te deixar em paz. É... não, o que acontece...

Orador D: Sim.

Orador B: ... que às vezes a gente fala de maneira muito impetuosa, com uma força, e parece que tem certeza daquilo que tá falando, e muitas vezes não.

Orador D: Uhum.

Orador B: Só que como...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... é uma pessoa assim... é... cara, é... fica até feio, porque às vezes você tá elucubrando sobre algo...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... poxa, todo mundo tem o direito de... de se equivocar, mas quando o equívoco é falado com muita certeza, assim, na... na...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... na... na imposição da voz ou da fala...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... e tal, ele fica pior...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... porque é uma burrice falada com...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... com contundência, saca? Então... é... eu tenho quase a impressão que o Nelson escrevia de maneira tão contundente...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... que, realmente, quando chega em alguns pontos... porra, que fica... pesa... sabe...

Orador D: Uhum.

Orador C: É, é.

Orador B: ... porra, Nelson, pesou, irmão.

Orador A: Mas, Lu... Lu, você... você tava falando...

Orador D: Ãhn?

Orador A: ... tipo, você sente... você sente que ele tem esses... essa falha, digamos assim, tipo esse não-aprofundamento...

Orador D: Não, eu... eu não...

Orador A: ... como é que é isso?

Orador D: Não, eu não... eu não vejo como uma falha. É... é... é... é complexo avaliar, né? Assim, dizendo... eu, como mulher, quando eu assistia algumas coisas ali, algumas coisas, eu me sentia pessoalmente ofendida mesmo.

Orador A: Ahã.

Orador D: Assim, do tipo: "Poxa, nós, mulheres, temos uma luta tão... tão profunda, tão difícil, e aí a gente, às vezes, é representada de uma forma tão caricata, né? É... e aquilo me doía um pouco, mas... é... o que me... me ajuda a entender e a aceitar um pouco o universo do Nelson é: o universo do Nelson é o universo do Nelson. Então, às vezes, as personagens, elas precisam realizar aquela ação pra que a dramaturgia flua.

Orador B: Sim.

Orador D: E, às vezes, por exemplo, nesse caso... é... da mulher muito pobre, morrendo de fome, nesse caso é uma ideia do Nelson, porque é o narrador que vem e... e... e... e fez o fechamento da cena. Em outros momentos, é o pai falando pra filha... é... que ela é puta, então é a visão daquele pai, entende?

Orador A: Sim, uhum.

Orador B: Uhum.

Orador D: Então a gente precisa aprender a dissociar também quando a gente tá lendo, né? Dentro daquele universo, quem são aquelas... aquelas falas e aquelas falas que surgem naquele contexto, às vezes, não são a fala do dramaturgo, são a fala... são as falas dos personagens.

Orador B: Nossa, incrível.

Orador D: É, então... é... é... é interessante que a gente consiga ter um olhar sensível e de bastante complexidade, e de, às vezes, não passar pano mesmo. Às vezes dizer: "Porra, Nelson, aqui eu acho que... que você... né... é... é..."

Orador B: Foi escroto.

Orador D: ... " ... foi escroto, foi babaca, não tem nada a ver". É... é... pra mim, durante muito tempo, foi engraçado isso. Eu tinha muita dificuldade com o Nelson Rodrigues, e aí quando eu li O Anjo Negro, eu fiquei absolutamente perplexa.

Orador B: Mas é.

Orador D: E... e aí fiquei: "Não, eu preciso olhar pra esse cara de uma maneira diferente, eu preciso entender todas essas nuances aqui, porque é uma obra grandiosa, né, e a gente precisa poder tirar daqui reflexões pra vida".

Orador B: Total.

Orador D: Né? É... é isso, assim, é... é... é... é... tem... a... a gente tem alguns embates, né? Inclusive eu acho que é uma... uma questão do próprio feminismo, do próprio movimento negro... é... do tipo... a gente vai continuar fazendo as montagens dos clássicos? Porque os clássicos, eles foram escritos em outro contexto...

Orador B: Sim.

Orador D: ... de um contexto que não fala mais pra... pra realidade de hoje...

Orador B: Total.

Orador D: ... e a realidade de hoje, ela precisa de novas ferramentas, novas ideias...

Orador B: Sim.

Orador D: ... que talvez essas peças mais antigas não consigam fornecer...

Orador B: A...

Orador D: ... pra entender a... a nossa... pra entender a nosso tempo e a nossa luta, né?

Orador B: Perfeito.

Orador A: Mas você a... você sente que... você sente que, tipo, as falas das mulheres, nas bocas das mulheres, elas são representáveis ou... é... elas são... elas são boas o suficiente, elas são críveis o suficiente pra serem dos persona... serem de mulheres? Ou... ou não?

Orador D: Eu acho que ele é tão talentoso, como dramaturgo...

Orador B: Também acho.

Orador D: ... que fica muito claro, assim...

Orador A: Uhum.

Orador D: ... parece que é a pessoa dizendo aquilo mesmo.

Orador B: Ah, eu acho também.

Orador D: Por mais absurdo que seja.

Orador C: Uhum.

Orador D: Né? É...

Orador B: Eu acho que ele consegue captar essa complexidade humana, né?

Orador D: É, e... e ele faz uma coisa que é a reviravolta absurda, né? É... às vezes você olha pra um personagem do Nelson, e ele é absolutamente absurdo, como, por exemplo, no... no Beijo no Asfalto, quando o pai da... da... eu esqueci o nome da personagem principal...

Orador B: Selminha.

Orador D: ... Selminha, é quando o pai da Selminha se revela apaixonado pelo Arandir. Pra mim, é uma reviravolta absurda, do tipo assim: "O quê?".

Orador C: Uhum.

Orador B: É.

Orador D: "O sogro é o quê?", né? E aí eu acho que às vezes...

Orador B: Ai.

Orador D: ... dentro da... da... dentro das personagens femininas também, é... é... acontece essa reviravolta absurda, né?

Orador B: Total. Que aí eu vou aproveitar até esse gancho...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... até porque é uma peça, o... o Vestido de Noiva...

Orador D: Ahã.

Orador B: ... que basicamente é guiada pelas mulheres.

Orador D: Sim.

Orador B: Né? Você tem os personagens, o Pedro, que é o cara que é disputado pelas irmãs, mas ele aparece e fala muito pouco também.

Orador D: Sim.

Orador B: E... ele tem uma ceninha no plano da realidade... é... e tem uma cena que eu amo no plano da alucinação, que é a Alaíde pancando ele com um taco de beisebol... (-risos)

Orador D: Ahã.

Orador B: ... que eu acho show de bola, então vou aproveitar pra fazer o briefing...

Orador D: Faz o briefing, isso, que que...

Orador B: ... né, do... do... dessa obra...

Orador D: ... do que que trata? Vamos lá, Hugo Leonardo...

Orador B: Então...

Orador D: ... do que trata Vestido de Noiva?

(-risos)

Orador B: ... então, Vestido de Noiva foi considerada uma das obras... porque dentro do... do material do Nelson, né, que foi publicado nas Obras Completas, ela tá dentro das obras psicológicas. É um texto que é muito rico e ele é considerado também um marco do teatro moderno por quebrar, romper com a questão da linearidade, ou seja, é... ele vai, volta... é... no tempo, ele não segue uma ordem cronológica e nem uma... não é uma ação que desencadeia outra, né, então ele rompe com essa estrutura, que, até então, a gente, em termos de dramaturgia, trabalhava muito com os parâmetros lá da poética aristotélica, né, que foi resgatada no Renascimento... é... europeu, e, como a nossa estética era muito europeizada, porque até eu achei legal o... o Josuel ter comentado do TBC... pra quem não sabe, o Teatro Brasileiro de Comédias não era uma companhia de comédia. Comédia era um termo que vinha também lá da Renascença, o comediante era um termo para o ator.

Orador C: A América Latina usa até hoje para qualquer obra teatral.

Orador B: Exato, então, só pra que a gente entenda, o Teatro Brasileiro de Comédias não era... é... uma escola de teatro para atores cômicos, né? É... e... e tinha essa diferenciação: o comediante é o ator e o cômico... é... é o artista, é o ator cômico, né, de comédias. É... gênero cômico. E... então, assim, a gente tinha uma estética... foi muito importante o TBC porque ele trouxe algumas evoluções técnicas pros recursos teatrais, que já eram muito limitados, então, nesse sentido, foi muito importante, e o Nelson, por ter sido muito bem aceito... é... figuras que eram oriundas dessa escola, que era muito classe média e tal, pôde se deparar com uma obra

extremamente complexa. Então a história é o seguinte: a personagem principal, a Alaíde, que, na minha opinião, é a personagem feminina mais complexa que eu já vi na dramaturgia brasileira até então, podem ter outras, inclusive fica aí o desafio, eu adoro.

(-risos)

Orador B: Mandem e-mail pra gente: "Ué, você conhece, tal po...", né? Vamos trocar essa ideia. Mas por que que eu digo isso? Ela é atropelada na primeira cena. Na verdade, você ouve, segundo a... a rubrica do Nelson, o barulho do atropelamento e tal e aí depois a cena já é ela sendo operada no... no hospital, e então essa personagem, ela fica em coma no plano da realidade. Por que que eu tô falando plano da realidade? São três planos, e aí ela, ali, na mesa de cirurgia, já dá vazão a dois outros planos paralelos, que é o plano da alucinação, porque quando você tá ali nesse entremeio... é... fica muito confuso o que é uma lembrança real e o que é você malucão com remédio, anestesia e tudo mais, e o outro plano é justamente o das memórias, da... das lembranças. Então essa personagem, a gente não tem ela aqui no plano da realidade.

Orador D: E do plano da vida.

Orador B: É, é.

Orador D: Isso é que é interessante no Vestido de Noiva.

Orador B: O plano... o plano real, isso é muito doido.

Orador D: Quem narra a peça é uma mulher morta.

Orador B: É uma mulher morta, exato, que ela tá...

Orador D: É.

Orador B: ... na verdade, ela tá nesse...

Orador D: É.

Orador B: ... nesse caminho, né?

Orador D: É.

Orador B: Nessa passagem.

Orador C: Uma experiência pós-morte.

Orador D: É.

Orador B: Exato, por isso...

Orador D: E se eu... e se eu... só um adendo, é porque é tão empolgante, mas, se eu tenho uma narradora morta, ela pode fazer qualquer coisa.

Orador B: O que ela quiser, e é por isso que eu acho...

Orador D: Exatamente.

Orador B: ... ela muito complexa, sabe, Lu?

Orador D: Sim.

Orador B: Porque você não sabe como ela é na realidade, ela não tá aqui.

Orador D: Uhum.

Orador B: Saca? Você tem dados do que os personagens que estão no plano real falam sobre ela...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... você tem as misturas de memória, que é um outro plano, e das alucinações, coisas que ela queria ter feito e não fez. Então, por exemplo, tem uma personagem no plano da alucinação, que é a Madame Clessi, que era uma prostituta que a personagem Alaíde considerava uma mulher muito interessante, porque ela não... não se cedia diante do julgamento social e teve um fim trágico, que foi uma prostituta que foi assassinada pelo namorado de dezessete anos. Então, assim... Nelson muito doido, né, velho? E aí ela busca... é... ela... ela fantasia, né, esse contato com essa personagem pra poder entender a história de vida que ela teve, porque ela tá justamente nesse limite entre a vida e a morte. Daí então, num primeiro momento, a gente fica achando que a Alaíde é a mocinha e, a priori, a mulher de véu, que ainda não é revelado quem é, mas eu vou dar o spoiler, é a irmã dela...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... a Lúcia...

Orador D: E é importante que a gente entenda que... só... só te cortando...

Orador B: Sim, sim, não dá nada.

Orador D: ... se você não gostar me fala, é... a... o Nelson Rodrigues resolve muitas coisas por meio da encenação... é... né, então ele tinha um conhecimento da caixa preta muito grande.

Orador B: Muito.

Orador D: Então, por exemplo, o... a morte da Alaíde, ela é resolvida com som; você escuta um som...

Orador B: É.

Orador D: ... de um carro batendo, né, e você: "Êita, aconteceu alguma coisa". Aí, no caso da mulher de véu, é uma personagem misteriosa, nem a Alaíde sabe quem é aquela mulher de véu...

Orador B: Exato.

Orador D: ... que aparece na alucinação dela. Então como é que ele resolve cenicamente? Aparece uma mulher com o rosto coberto e aí depois você vai descobrir que aquela mulher é a irmã, então para o público, o público... é... só tem... e... e... a realidade só é revelada ao público quando ela é revelada para a própria Alaíde.

Orador B: Exato.

Orador D: Então é uma peça subjetiva, porque tudo se passa... é genial, tudo se passa na cabeça da Alaíde.

Orador B: Exato, por isso até que ela é considerada, dentro ali das visões da obra, uma obra psicológica, porque a personagem principal não tá aqui, né?

Orador D: Uhum.

Orador B: Então é por isso que eu acho ela complexa, porque no início você fica achando que ela é a mocinha e que a mulher do véu é uma vilã, mas você vai montando essa quebra-cabeça, diante dos dados dos outros personagens e das... das próprias memórias também junto com as alucinações, e aí você vai vendo que a Alaíde, ela, a cada cena, ela apresenta uma característica. Então às vezes ela é uma puta, às vezes ela é uma moça...

Orador C: E a própria rubrica dá isso, né?

Orador B: ... recatada... é, ela dá isso...

Orador C: Pede isso.

Orador B: ... ela... ela vai conduzindo, então, cara, eu achei esse personagem tão... tão complexo, porque aí você vai vendo que ela era uma mulher petulante, arrogante, linda...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... linda... era... e aí, na relação com a irmã, era...

Orador C: A preterida.

Orador B: ... a preterida, né, a mulher de véu era a preterida, e enquanto que a Alaíde era a preferida...

Orador C: Sim.

Orador B: ... era valorizada... é... admirada, e ela era escrota. Ela roubou todos, não foi só o Pedro, todos os namorados da irmã só pra mostrar sua superioridade feminina. Então, assim, é um personagem que... e, ao mesmo tempo, por ele não ter um... um perfil claro... é... esse vira, se a cada cena você vai descobrindo novas facetas, porra, eu acho que é incrível de ser interpretado. Se eu fosse fazer um papel nessa peça, eu queria fazer a Alaíde, não era a mulher do véu.

Orador C: E para dois públicos... para dois públicos, porque a genialidade de escrita do Nelson e a genialidade de entendimento espacial do palco faz com que você, como leitor, seja

surpreendido a cada página mesmo que você nunca tenha visto essa peça...

Orador D: Uhum.

Orador B: É.

Orador C: ... uma montagem, por quê? Se uma personagem como a... a mulher de véu, a mulher do véu, ela tá, durante as primeiras metas... a primeira metade do texto, ela tá lá: mulher de véu, esse é o título dela, mulher de véu.

Orador B: Ahã.

Orador C: A partir do momento que há a revelação...

Orador B: Isso.

Orador C: ... a troca do nome também...

Orador B: Lúcia.

Orador C: ... no indicativo do texto.

Orador B: É.

Orador C: E isso é você saber brincar com o elemento surpresa, é você dominar a dramaturgia na mão, cara.

Orador B: Os elementos da linguagem cênica.

Orador C: É.

Orador B: Como a Lu bem falou, ele realmente tinha uma compreensão... isso é a diferença, né, de você tá sendo montado enquanto você ainda é vivo.

Orador C: É, de você pensar que a... gente, Paulina e Paola estão fichinha perto das histórias que a gente...

Orador B: Exato, para.

Orador C: ... tem enquanto dramaturgia teatral.

Orador B: Não, quando você vai descobrindo... quando você vai descobrindo, assim... sabe por quê? A... eu... isso foi minha sensação. Foi a primeira peça que eu li e a primeira peça que eu vi e fui arrebatado por essa questão dos elementos da linguagem cênica na montagem, e foi quando eu tirei o ranço, falei: "Ah, teatro não é um filme ruim, não".

Orador C: É.

Orador B: É porque tem outros elementos dentro dessa abordagem, né?

Orador C: É, esses elementos espetaculares que o Nelson coloca, lembrando que esse texto foi

escrito em quarenta e dois e encenado em quarenta e três...

Orador B: Isso, isso.

Orador C: ... são extremamente cinematográficos. Você pensar dentro daquela... daquela época o que era pensar nessas tecnologias cênicas ou nessas possibilidades de narrativa, plano, contra plano, você fala assim: "Cara, é quase um desenho de uma sequência"...

Orador D: Uhum.

Orador B: Total.

Orador C: ... "... em um set"...

Orador B: Perfeito.

Orador C: ... porque eu já tenho os três elementos que eu possa articular pra contar uma história, e quando vocês falam, por exemplo, da questão... a Luciana tinha pontuado ainda agora... é... junto com o Gustavo, a questão do amor, de como a mulher se coloca, eu tenho uma analogia que foi de outras pessoas que eu fui escutando e eu não sei qual foi a frase original que elas disseram, mas que eu quero colocar aqui pra contribuir, que se você for pensar em... em dramaturgia ou elementos escritos de... de literatura entre Jorge Amado e Nelson Rodrigues, há duas diferenças muito gritantes, que pra mim são muito significativas, e eu vejo muito nessa obra e em outras do Nelson. As prostitutas do Jorge Amado, elas amam pra dar prazer ao seu senhor, ao seu homem e pra mostrar pra eles o quanto elas são prendadas. As prostitutas de Jorge Amado se colocam assim, e as prostitutas de Nelson Rodrigues, elas amam pra falar da complexidade do próprio sentimento, do próprio amor, da sociedade e entender o que é o prazer dela e o prazer da vida, e isso, pra mim, é muito claro...

Orador B: Sim.

Orador C: ... nessa questão...

Orador B: Ai, que ótimo.

Orador C: ... do quanto que a mulher de... de... na obra do Nelson Rodrigues, ela... ela ama, ela te seduz, ela te excita, mas há uma complexidade social imensa por trás disso, e aí você vê que tem que ser muito gênio pra escrever dessa maneira.

Orador B: Não, total, e aí é nesse sentido que eu acho que, apesar de a gente ver que... a gente precisar tá se atualizando e fazer montagens... produções dramatúrgicas que retratem também o nosso momento, que eu sinto que tem um esvaziamento...

Orador C: É.

Orador B: ... assim, a respeito da criação...

Orador C: Isso não anula o pensamento preconceituoso que havia na escrita.

Orador B: Não, não, imagina.

Orador D: Sim.

Orador B: De jeito nenhum.

Orador C: Não, de jeito nenhum.

Orador B: Só que... é... é... é nesse sentido do cuidado mesmo, mas é muito legal também o fato que... eu tava comentando antes que ele não usa... ele pode usar algumas expressões, mas ele não usa propriamente um palavrão.

Orador C: Uhum.

Orador D: Uhum.

Orador C: É.

Orador B: Ou... é... e isso é muito legal. Ou então ele pode até falar que um personagem é um pederasta, mas ele não tá chamando ele...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... xingando, né, e tal, isso eu sei porque eu fiz um... a última peça que o Nelson escreveu, mas já eu falo dela. É... só pra finalizar, o que se descobre? Que o Pedro, que era um... um marido... se tornou o marido da... da Alaíde, ele... ele começa a conhecer ela realmente depois de casado e vê o quanto ela era manipuladora, maniqueísta e tal, e ele se... meio que se apieda de Lúcia, que é a mulher do véu, que tinha sido a primeira namorada dele, então a Alaíde, na verdade, ela fazia isso pra mostrar a sua superioridade, não propriamente porque ela tava...

Orador C: É.

Orador B: ... envolvida, amando...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... e tal, então é um personagem realmente muito complexo. E... e Lúcia realmente era muito apaixonada por ele, e eles elaboram... a gente descobre que o acidente, esse atropelamento, não era um acidente; foi um crime planejado, arquitetado, pela irmã dela, a Lúcia, que era a mulher do véu, e o Pedro. E quando a Alaíde se dá conta do quanto ela também foi escrota... é... porque elas ficam... né... é...

Orador C: Os embates, né?

Orador B: ... essa dicotomia, os embates são constantes... é... e aí... é... a dicotomia se perde, porque aí você vê que quem... ninguém é propriamente só mau ou bom...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... né? Ele é muito complexo, vai muito além. A gente pode ser bom e ser ruim, que é isso o ser humano e tal, e... e ela vai se dando conta disso e aí, para que os... que a peça se

resolva, ela tem uma... uma... uma aceitação da condição da morte, que é algo que eu busco na minha vida, eu me inspiro na Alaíde... é... porque, assim, eu não tenho propriamente religião, eu não sigo nenhum dogma, mas eu acredito em alguma coisa, gente, que eu não sei o que é, que eu rezo, eu peço...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... agradeço e tal, mas não sei o que é exatamente, e... agora, se eu chegar, morrer e chegar do outro lado e tiver outra coisa, eu já tenho um plano...

(-risos)

Orador B: ... que é já ir aceitando mesmo, pedindo perdão, falo: "Ai, me leva pra luz, não me joga nesse umbral", sabe, assim?

Orador D: Sim, já tem o... o monólogo.

Orador B: É... é, pra... isso, é, é, já vamos indo pra aceitação. Agora, se for assim, virou pó? Pó, beleza.

Orador D: Ok.

Orador B: Luz? Luz, beleza. Purpurina? Purpurina.

(-risos)

Orador B: Mas se também tiver outra coisa, eu vou grandão já: "Olha, perdão, caraca, o ser humano é foda, eu sabia, não acreditei".

(-risos)

Orador B: E aí... e eu acho que a Alaíde, ela passa por isso, porque, ao final, ela entrega o buquê pra irmã, a cena final da peça...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... abençoando o casamento dela com o Pedro.

Orador C: Cara, isso, pra mim, é cinema, velho. Nossa.

Orador B: É... é muito lindo, cara.

Orador C: É lindo.

Orador B: E, assim... e aí ela consegue, sei lá, encontrar esse outro plano...

Orador D: Uma redenção. Uma redenção.

Orador B: ... uma redenção mesmo.

Orador D: É.

Orador B: E... e... é... nossa, incrível...

Orador D: E uma coisa que eu acho incrível...

Orador B: ... eu adoro.

Orador D: ... uma coisa que eu acho incrível na... na arte, isso é o ponto de vista da narrativa, eu... eu amo isso, é que, assim, a história... não... a história é importante, mas não é a história que faz a obra...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... porque o quê que é a história do Vestido de Noiva? Ok, é isso, é um triângulo amoroso...

Orador B: Isso, uhum.

Orador D: ... mas é isso, a irmã que gostava do cara, a irmã foi lá e roubou o namorado da outra, e no final eles planejam a morte dela e ela morre. Mas quando você vê que quem narra a histó... primeiro, né, quem narra?

Orador B: Ahã.

Orador D: É um velho? É uma jovem? Ele tá narrando do... do futuro, quando ele... né, olha...

Orador B: Ahã, ahã, exato.

Orador D: ... para o seu passado? Quem narra?

Orador B: Exato, exato.

Orador D: Quando narra e como narra? Então essa construção de como a coisa é narrada, pra mim, é absolutamente fascinante.

Orador B: Não, total, total.

Orador D: É absolutamente fascinante.

Orador A: E é uma ajuda... e é uma ajuda pelo próprio título, né, que ele dá às obras como um todo, né?

Orador D: Uhum.

Orador A: Até nessa, chamar o... a peça, né...

Orador C: Sim.

Orador A: ... de Vestido... O Vestido de Noiva...

Orador D: Uhum.

Orador A: ... né, é uma... é uma colocação... é... pra preparo da... da plateia, do... do leitor, no

caso, né, assim, tipo: "Olha, na verdade você tem que prestar atenção numa outra coisa e não necessariamente no enredo"...

Orador C: É.

Orador A: ... o enredo, o enredo em si, a sinopse da história, não é exatamente o que eu tô colocando como título...

Orador D: Uhum.

Orador A: ... sabe? É como ele acontece com o Beijo... o Beijo no Asfalto. O Beijo no Asfalto não é... não é... a história não é sobre o beijo no asfalto...

Orador D: Sim.

Orador A: ... né, e aí ele dá o título... exato, e ele dá o título Beijo no Asfalto...

Orador B: No final das contas.

Orador A: ... ou Os Sete Gatinhos, né, tipo, ele tem uma... uma parada muito doida com isso, né, de dar título pras coisas. É... é...

Orador C: É que nem a gente aqui no Trabalho de Mesa, espera o programa acabar, depois fala: "Nossa, gente, é aquilo, vai ser aquele ponto..."

Orador D: É.

Orador C: ... "... do apostro, entre duas vírgulas".

Orador A: Exato, exato. É muito... é muito genial, e acho que uma coisa que o Josuel colocou aí, assim, né, numa... num afã da coisa... é muito cinema isso, porque realmente eu acho que ele tem uma pegada que, cara, é muito difícil pensar que esse cara é um autor de teatro, sabe? É muito difícil porque ele... ele escreve com uma... com uma edição na cabeça, mental, assim, que... que pro cinema é muito bem-feito, né? É muito... é muito fácil fazer e pensar a obra dele no cinema, tanto é que ele realmente marca e, principalmente, esse texto, né, o Vestido de Noiva marca essa... essa simbologia, né, esse... esse teatro brasileiro mais simbólico, mais... mais moderno...

Orador B: Sim, sim.

Orador A: ... mais aloprado, mais doido, mais encenado mesmo, no sentido de encenação...

Orador B: Sim.

Orador A: ... de elementos que são, né, metafóricos sobre a história, né? Isso é... é um pano... é muito pano pra manga, cara, pra... pra teatro. Eu... eu acho que o Nelson Rodrigues...

Orador C: Ai, cara, eu adoro.

Orador A: ... a li... a literatura teatral é... é maior do que às vezes a própria linguagem do teatro

fisicamente falando, né? Os... os... os...

Orador B: Total.

Orador A: ... os encenadores sofrem muito quando têm que montar um Nelson Rodrigues, sabe?

Orador B: Com certeza, amigo. Eu ia falar até disso. Lembra que eu falei que ia falar do... da última peça que ele escreveu? Que aí ele tomou gosto...

Orador A: Lembro.

Orador B: ... por não seguir... é... essa condução de narrativa natural, e aí ele começou a ser criticado, falaram: "Ah, que o Nelson...", aí ele escreve... ele já tinha, a priori, se aposentado, e ele escreve o Anti-Nelson Rodrigues, que não tem nada a ver o título de fato... quer dizer, o que tem a ver é que ele vai mostrar... é uma peça em cinco atos onde ele segue a estrutura padrão de uma dramaturgia, segundo as bases aristotélicas, só pra mostrar que ele sabe, que ele não fazia porque ele não se identificava enquanto estilo, e isso é... também mostra, assim, a grandiosidade... e é muito bom o texto também.

Orador D: Uhum.

Orador B: É...

Orador C: Me impacta muito essa questão...

Orador B: ... é muito interessante.

Orador C: ... do primeiro contato que se tem com o Nelson, porque pra mim sempre foi uma coisa para adultos, uma coisa que adultos...

Orador B: Sim.

Orador C: ... liam...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... adultos podiam assistir porque adultos entenderiam.

Orador D: É.

Orador C: É... se você tem esse contato... a gente também, lembrando do programa passado, falando do Ibsen, que às vezes fosse mais importante levar pra um público mais jovem pra que houvesse essa conscientização...

Orador D: Uhum.

Orador C: ... o Nelson, ele te dá uma embaralhada na cabeça...

Orador D: Uhum.

Orador C: ... se eu, como o Hugo, lesse alguma coisa de Nelson aos doze, seria realmente fundir

muita coisa na cabeça.

Orador B: Amigo, aí você entende agora como eu sou.

(-risos)

Orador C: Porque o A Vida Como Ela É, pra mim tinha um respeito muito grande, era entrar... se houvesse a permissão da família em assistir aquele bloco do Fantástico, eu... eu parava e sentava...

Orador B: Ah, sim.

Orador C: ... se não houvesse, eu também nem questionava, porque já tinha uma coisa de que era pra adultos.

Orador B: Sim.

Orador C: Quando eu conheci, com Engraçadinha... é... essa coisa da literalidade me incomodou muito, porque eu me vi vendo uma coisa que não era pro meu...

Orador B: Pra sua idade.

Orador C: ... pra minha classificação indicativa.

Orador B: É.

Orador C: A primeira cena, do velório, em que o cara imagina a Alessandra Negrini...

Orador B: Sim.

Orador C: ... nua e fala: "Ela deve ter peitinhos deliciosos"...

Orador B: Sim.

Orador C: ... e o próximo take é ela num cemitério, num velório, com o peito de fora, aquilo, pra mim, realmente foi muito impactante. E... e... a minha... a minha percepção era: isso não é pra mim neste momento.

Orador D: Ahã.

Orador C: Mas tá aqui passando e... ok, não vou assistir, sabe? Mas hoje eu acho genial, genial.

Orador B: Pois é, cara, mas engraçado, né? Olha, por que que ele é um garoto comportado? Ele já era.

(-risos)

Orador B: É, porque eu, por exemplo, tenho uma lembrança que eu ficava fingindo que tava brincando na sala pra assistir uma novela chamada Carmem.

Orador D: Eu também amava aquela novela.

Orador B: Só que eu amava e eu tinha, ao mesmo tempo, um pânico, porque a pomba gira...

Orador D: Pomba gira Neusa.

Orador B: ... que era a Neusa Borges...

Orador D: Neusa Borges.

Orador B: ... ela virou motivo dos meus pesadelos, só que eu não podia dizer porque eu assistia a novela fingindo que tava brincando na sala. É.

(-risos)

Orador B: Então eu convivi com isso o tempo inteiro da novela, foi foda.

Orador D: Meus pais...

Orador B: E aí eu sempre me encantei por isso. Não fala pra mim que não pode, gente, eu vou querer só porque não pode.

Orador D: Sim. Meus pais, eles foram meio irresponsáveis, porque eles colocaram uma televisão no meu quarto e eu assistia tudo, e, assim, a Engraçadinha... eu assistia tudo, e eu ficava... desculpa, eu ficava excitadíssima.

Orador B: Claro.

Orador D: Eu achava muito excitante. A cena dela no... no quarto, quando ela chama o primo no dia do... da festa de noivado, ela... e a Alessandra Negrini belíssima...

Orador B: Linda, né? Na flor da idade.

Orador D: ... belíssima, linda, ninguém nunca tinha visto aquela atriz e de repente aparece uma... uma menina muito bonita, e, assim, eu tinha, sei lá, uns doze, treze anos, catorze, sei lá, eu era muito nova, e aí eu assistia aquilo, assim... a cena em que... em que... é... ta... tem o noivado do primo e ela fala: "Vai lá no escritório"...

Orador B: Sim.

Orador D: ... e o primo, inocentemente, vai e ela tá nua e aí tem um... tem um abajur que ela fica apagando e acendendo...

Orador B: Ahã.

Orador D: ... então você tem o blecaute e aí, de repente, a luz acende e você vê um... um corpo belíssimo, né, assim, dentro dos padrões...

Orador B: Sim.

Orador D: ... essa coisa toda que a gente não vai falar agora, mas tudo bem, e aí, tipo, a luz acende e apaga, e o... e o primo fica estupefato... eu também fiquei estupefata, como o primo...

Orador B: Claro, claro.

Orador D: ... eu entrei na... naquela história, eu falei: "Meu deus, isso é incrível", né?

Orador B: É, "Que demais".

Orador D: Meu deus, e aí quando você vê essa... essa... esse... esse tesão da juventude pro que a Engraçadinha vira no final da minissérie...

Orador B: É.

Orador D: ... que é uma mulher casada, triste...

Orador B: Carolona.

Orador D: ... carola, sem nenhum tesão, com aquele marido horroroso...

Orador B: Até que ela subverte também essa condição, né?

Orador D: ... até que ela subve... e era muito louco isso, porque parece que, em algum lugar... isso acontece também nos filmes do Almodóvar, os personagens ganham vida a partir do sexo, porque quando ela...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... tem esse encontro sexual já na segunda fase da obra, na Engraçadinha, no caso...

Orador B: Isso.

Orador D: ... quando ela tem esse encontro sexual na segunda fase da obra com... com esse cara, que é o Alexandre Borges que faz, também...

Orador B: Isso.

Orador D: ... é... ela renasce.

Orador B: É, ela descobre aquela mulher que ela enterrou...

Orador D: É.

Orador B: ... pra tá bem aceita numa sociedade machista, retrógrada... é...

Orador D: É, é.

Orador B: ... né?

Orador D: É incrível.

Orador A: Eu fiquei com uma dúvida, eu não lembro agora... é meio... meio fugindo um pouco do... do texto. Tem um filme com a Fernanda Montenegro... é... que vocês vão... talvez vocês lembrem, eu não lembro o nome e não sei se ele é o Nelson... se é um texto do Nelson Rodrigues...

Orador D: Hum.

Orador A: ... que é uma... são várias esquetes, eu acho, são várias cenas misturadas...

Orador B: Ah, tem...

Orador A: ... que é da... que tem da ata...

Orador B: ... tem ela, a Fernanda Torres, e depois...

Orador A: ... é, e que tem a... que ela fala uma cena que ela tá...

Orador B: ... são três histórias.

Orador A: ... que ela tá furada, que ela tá... tomou um monte de tiro.

Orador B: Isso, que ela levou seis tiros...

Orador A: Ela fala: "Eu tô toda furada" e não sei o quê.

Orador B: ... ela liga pra... aquilo é incrível, né?

Orador A: Pois é, que filme é esse?

Orador B: Ela liga pra polícia: "Eu levei..."... eu tô tentando lembrar, amigo, eu sei qual é.

Orador A: É Traição, não?

Orador B: Ela conta... Traição, é isso mesmo. São três histórias... ai, cara...

Orador A: A Traição, isso.

Orador B: ... é tão incrível. É tudo obra do Nelson, foi uma adaptação de obras do Nelson.

Orador A: Isso, é.

Orador B: Ai, tem uma da Drica Moraes, que ela tá pra morrer...

Orador A: Que é da ata.

Orador B: ... e aí ela começa... ela fala assim...

Orador A: A fruta do conde. A fruta do conde, ah, cara.

Orador B: ... ela fala: "É, ai, sabe o que eu fico pensando? Na fruta do conde que eu comprei, que tá lá na geladeira..."

Orador A: É.

Orador B: ... "... que, se eu morrer, quem vai comer essa fruta?".

Orador A: É, eu botei a fru...

Orador B: Ela vai... (-risos)

Orador A: É muito maravilhoso.

Orador B: É incrível, velho.

Orador A: "Eu vou morrer e eu deixei a fruta lá e eu não vou comer a fruta".

Orador B: Exato, ai, cara.

Orador A: "E ela vai apodrecer...", tipo, na hora que ela tá morrendo...

Orador B: Exato.

Orador A: ... ela pensa. E, cara, esse...

Orador B: Será que alguém vai aco... é... vai achar a fruta antes de ela apodrecer?

Orador A: ... e essa... essa... esse filme é muito bom, cara.

Orador B: É muito bom.

Orador A: Esse filme é muito bom porque... aí... aí, como eu falei, a interpretação desse, ele é... ele é uma pegada realista, porque é um absurdo a... a... os personagens...

Orador B: Sim.

Orador A: ... vivem situações muito absurdas, muito... só que da realidade, né, só que eles estão interpretando de uma maneira... é... polida, de uma maneira natural, de uma maneira mais...

Orador B: Sim.

Orador A: ... sabe? É... com o freio de mão puxado, colocando assim, tipo, o ator não fica... ele não fica muito espalhafatoso, ele fica polido, ele fica se... se segurando, tranquilo...

Orador B: Ai, é show de bola.

Orador A: ... e o absurdo fica do... da... do texto...

Orador B: Da situação.

Orador A: ... o absurdo da situação, exato.

Orador B: Exato.

Orador A: Por isso que eu acho que é muito bom isso.

Orador B: Não, essa fala dela... nossa, Gustavo, você desenterrou, porque eu não lembrava mais dessa obra.

Orador A: É.

Orador B: Mas é incrível, porque quando ela liga... porque não foi só baleada, seis tiros, o cara descarregou a arma nela, e ela liga pra polícia e ela: "Assim, então, eu fui baleada, eu..." e ela conta, velho: "... tomei seis tiros", cara, é muito pesado. E...

Orador A: Não, e ela vai... ela vai... ela vai deitada... na... na... na... na cena ela tá deitada no chão com o telefone...

Orador B: Isso.

Orador A: ... ela tá toda ensanguentada, ela tá: "Ah, socorro, é a polícia? Eu tô... eu tomei um, dois, três... eu tô toda fudida"... (-risos)

Orador B: "Eu tô toda fudida", tipo, cara, é muito bom.

Orador A: Cara, é maravilhoso. É maravilhoso.

Orador B: Toda cagada no maiô branco, mas é... é incrível...

Orador A: É maravilhoso.

Orador B: ... assim, nossa... Traição, amigo...

Orador A: É.

Orador B: ... são três crônicas do Nelson adaptadas... é... pro cinema e... são histórias paralelas, vem um, depois outro, elas não têm relação uma com a outra, e...

Orador A: É, é, mas é um filme só, lançado junto. Eu achei aqui...

Orador B: ... é um filme só.

Orador A: ... na internet...

Orador B: Isso.

Orador A: ... é o Cláudio Torres, Artur Fontes...

Orador B: Isso.

Orador A: ... e José Henrique Fonseca, os diretores.

Orador B: Isso, os diretores, aí tem Fernanda Torres, Alexandre Borges, Drica Moraes, Fernanda Montenegro, um elenco incrível.

Orador A: É.

Orador C: É, essa provocação que eu sinto muito nas obras do Nelson, e que me provocam mesmo, é porque há uma espécie de culpabilidade que nós, leitores, temos também, quando a gente sente muito prazer por coisas que a gente, talvez, não deveria, dentro de um padrão social, né?

Orador B: Sim, total.

Orador B: Você tem aí a... obras como Álbum de Família, que você vai lendo... há, de fato, esse momento da excitação, mas há uma coisa que você fala: "Cara, não, não, não"... é...

Orador B: É excitante, mas você fica assim: "Caralho, eu tô sendo escroto".

Orador C: ... é um formato... é um formato que eu não consigo ainda lidar, e essa provocação talvez seja como aquelas histórias que a gente ouve falar, mas nunca é com a gente, é sempre com alguém, e o que o Nelson faz é pegar essas histórias, colocar numa ordem... é... é... é... crível, dentro de uma estrutura narrativa de dramaturgia, e, de fato, rola, pelo menos comigo, uma culpabilidade quando eu gosto dessas situações das obras do Nelson.

Orador B: Ai, que legal ouvir isso, porque...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... como eu sou uma pessoa... meio maluca mesmo, que... por exemplo, eu amava, inclusive, ver o impacto que A Vida Como Ela É tinha na galera da minha casa, que minha mãe saía, meu pai ficava vendo e ficava chateado da vida, mas eu falava: "Gente, que poder, né, também, né?"...

Orador D: Que poder. E isso é muito interessante, que aí a gente volta pro início, que é a diferença entre o Nelson e o Plínio, por exemplo, o Plínio Marcos, que é: no Nelson, você tem uma sensação de voyeurismo...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... e o voyeurismo...

Orador B: Proibido ali.

Orador D: ... você se coloca fora da cena, você é alguém que vê...

Orador B: Ahã.

Orador D: ... e você tem um certo domínio, porque você pode parar de ver.

Orador C: É.

Orador D: Mas algo te chama na cena que você não consegue, e aí... e o Plínio Marcos não tem isso.

Orador B: Não, é muito cru, né?

Orador D: O Plínio Marcos é cru. Aquela prostituta que tá no poste ali na rua, de madrugada, toda detonada, ele vai te mostrar como é, e não é pelo buraco da fechadura.

Orador C: Não é mesmo.

Orador B: Não.

Orador D: Você está dentro da cena, né? A Neusa Sueli...

Orador C: Você é o desodorante que ela passa.

Orador D: É.

Orador B: Ah, total, pra dar uma desinfetada, né?

Orador D: É. Neusa Sueli... é, Neusa Sueli está ali, né...

Orador B: Ai, não... eu adoro quando ela fala assim: "Pronto... Porra, puta que não dá o cu? Onde já se viu puta que não dá o cu, gente?"

(-risos)

Orador D: E é louco, porque os... os personagens do... do... do... do Plínio, eles agem pela necessidade.

Orador B: É.

Orador D: É a necessidade.

Orador B: Total.

Orador D: Né? Você precisa daquilo porque você precisa do sapato, porque se você não tiver o sapato, você não arruma emprego...

Orador B: Caramba.

Orador D: ... é um negó... é, assim, é vida ou morte.

Orador B: É.

Orador D: No Nelson Rodrigues, não.

Orador B: Não, não.

Orador D: No Nelson Rodrigues, já tem uma atmosfera... é... é... é como se a gente tivesse uma suspensão ainda desse universo...

Orador C: Perfeito.

Orador D: ... e, no Plínio, você é tragado. Eu me lembro...

Orador B: É porque no Plínio você vê o tabu e, no Nelson, você ouve falar, né?

Orador D: É, e... é... e o Plínio, assim, é... eu me lembro que eu assistia uma mon... uma montagem excelente que foi feita aqui em Brasília, que é A Autópsia do Johnathan...

Orador B: Adoro.

Orador D: ... que eu saí, assim... eu já não gosto de Plínio Marcos; eu saí gostando menos ainda. Tô brincando. Eu... eu disse que eu não gosto porque, assim, o universo é... é tão chocante...

Orador B: É pesado.

Orador D: ... é tão pesado...

Orador C: É demais, é demais, nossa.

Orador D: ... que... que... você não tem gosto estético, né? Você...

Orador B: É.

Orador D: ... fica tão perturbado...

Orador B: Você é arrebatado mesmo.

Orador D: É.

Orador C: E... e eu lembro que essa obra, A Autópsia, teve uma sessão que eram as duas peças, uma seguida da outra...

Orador D: Sim.

Orador C: ... depois de um intervalo de vinte.

Orador D: E eu não consegui.

Orador C: Eu não dei conta, eu fui no Giraffas tomar milkshake porque eu não dei conta.

Orador D: Eu não... eu só... eu só... é... eu fiquei só na primeira, e eu não fui... não fui ver a segunda.

Orador C: É, não dei conta.

Orador B: Pesa, pesa bem.

Orador D: Eu fui... aconteceu isso também.

Orador B: Não dei conta.

Orador B: Pesa bem. E... até o Diário do Maldito também, do...

Orador C: Ah, eu fiz a última temporada do...

Orador B: ... da montagem...

Orador C: ... do concreto.

Orador B: ... você fez no Perdiz?

Orador D: Uhum.

Orador C: Fiz em São Paulo, quando ele chegou pra... pro Sesc Santos.

Orador B: Ah, em São Paulo. Cara, eu vim ver no... no Perdiz e tal...

Orador A: Você fez como, Josuel?

Orador B: Um quis sair...

Orador A: Você... você... você atuou?

Orador C: ... eu substituí... eu atuei, eu substituí o Robson, que era o...

Orador D: Ah, tá.

Orador B: Sim.

Orador C: ... deficiente, né...

Orador A: Mas em São Paulo? Mas em São Paulo?

Orador C: Em São Paulo, em São Paulo. É, porque eu tinha ensaiado com eles, tirei a roupa no palco; foi a minha primeira nudez...

Orador B: Ah, que ótimo. Foi a primeira vez?

Orador C: Sem ensaio.

Orador B: Amigo, perdeu o cabaço assim.

Orador A: Porque eu trabalhei... eu trabalhei com eles...

Orador B: Na tora, na rola seca.

Orador A: ... eu trabalhei com eles na... com o Diário do Maldito, eu trabalhei bastante tempo como técnico de som, por muito, muito tempo. Em todos... praticamente todas as montagens de Brasília, a... fui eu que fiz a... a... tanto no Perdiz...

Orador C: É... é um espetáculo que eu era muito fã...

Orador A: ... como... em todas as montagens, praticamente.

Orador C: ... eu era muito fã, muito fã, e quando eu fui chamado pra...

Orador A: É um texto... é... é uma obra maravilhosa.

Orador C: ... pra atuar, eu queria, ainda, ter ficado no lugar do fã. Foi um pouquinho traumático

fazer, porque, de fato, eu tinha uma obra com uma coisa muito magnânima, muito incrível, e fazê-la me fez ficar diante de alguns problemas...

Orador B: Tem que dar uma desmitificada mesmo.

Orador C: ... administrativos, de gestão mesmo de... do próprio grupo, né? Então eu fiz essa substituição em São Paulo, dentro de um projeto chamado Projeto Malditos, em homenagem ao Plínio Marcos na terra dele, né? No... no canto dele lá.

Orador B: Ah, que ótimo.

Orador A: É, pra... pro ouvinte... pro ouvinte se organizar aí, e lembrar, tipo, tem um grupo que originalmente era de Brasília, chamado Teatro do Concreto, que são queridíssimos amigos nossos...

Orador B: Isso.

Orador A: ... e também é um grupo maravilhoso, cheio de qualidade, cheio de obras fantásticas, com um elenco fantástico, um monte de gente foda...

Orador D: Atores maravilhosos.

Orador A: ... é, exatamente, são fantásticos.

Orador B: Sim, Michele lá, uma galera.

Orador D: É.

Orador A: E aí eles têm esse grupo chamado Teatro do Concreto, e eles montaram um espetáculo... é... baseado em textos e obra... na obra, na vida do Plínio Marcos, né, e eles chamaram o... o espetáculo de O Diário do Maldito... é... e rodou o país, né, ele foi em vários... em várias cidades e tal...

Orador C: Foi.

Orador B: Sim.

Orador A: ... ele é um texto que ganhou prêmio...

Orador B: Incrível.

Orador A: ... eu... a obra ganhou prêmio...

Orador C: Muito bom.

Orador A: ... e tal, e é maravilhoso o espetáculo, e aí cai um pouco no que a gente veio discutindo, que talvez seja o que o Vestido de Noiva tem de importância nisso, é porque o que faz, na minha opinião... e eu trabalhei... eu assisti também como público, acho que umas duas, três vezes, depois eu acabei sendo... é... contratado, convidado pra trabalhar no espetáculo, aí você acaba vendo o espetáculo de outra forma, né, obviamente.

Orador C: É, natural.

Orador D: Sim.

Orador A: Mas... mas... uma coisa que eu atribuo, que aquele espetáculo é muito bom, é porque a montagem não é um texto puramente, né? Ele não pegou um texto de teatro chamado O Diário do Maldito, decorou as falas e apresentou. Na verdade, os atores fizeram uma pesquisa extensa sobre a literatura teatral do Plínio Marcos, sobre a vida e o contexto do Plínio Marcos, mesclado também com coisas da atualidade profundamente, com... com problemas dos próprios atores, da vida pessoal de cada um e tal, com a relação que eles têm, com os seus próprios depoimentos de vidas, misturou tudo isso numa grande salada, no liquidificador, bateu e lançou o Diário do Maldito, que é uma... uma obra, né? E esse é o lance da nossa discussão, que a gente veio falando também no episódio passado, e a gente vai seguir falando, que é...

Orador B: Sobre a montagem.

Orador A: ... sobre a montagem, né? Porque a gente vai pegar um texto teatral que tem toda essa potência, que a gente tá falando, por exemplo, do... do Vestido de Noiva, e aí, quando você vai montar no teatro, principalmente, você tem a limitação, o problema da... de... de como transformar esse simbologismo... simbologismo, é assim que fala? Sim... simbolismo?

Orador D: É.

Orador B: Simbologia mesmo.

Orador A: Isso, como que você vai transformar isso numa coisa material, porque você tem uma questão que é a imaginação do Nelson Rodrigues. É uma loucura como ele corta de um lugar pro outro, como ele corta de uma cena pra outra, que, às vezes, no cinema você tem um pouco mais de facilidade pra você fazer, porque entre um take e outro você consegue fazer microssegundos, né? Tipo, como o Josuel colocou, numa cena a... a... a mulher tá falando de uma parada muito sexual, muito séria, a... né, de uma coisa muito vulgar, e na cena seguinte, tipo, um take seguinte, ela tá num... num cemitério, sabe? Tipo...

Orador C: Sim.

Orador A: ... é... é muito rápido; e, no teatro, é difícil você fazer essa... esse impacto, muitas vezes, né? O cara escrevia de uma forma... e o que me leva a... na discussão que eu coloquei no... também no primeiro episódio, que é: eu acho difícil demais o Nelson Rodrigues montado. Pra mim, eu prefiro Nelson Rodrigues lido, mas sou eu, eu prefiro ler...

Orador C: É, é.

Orador B: É.

Orador A: ... do que assistir ele, sabe?

Orador B: Eu... eu... assim, no teatro vi... ah, eu gostei muito da montagem que foi comemorativa de cinquenta anos da estreia, que foi o que me motivou a ler, é...

Orador A: Qual grupo?

Orador C: Foi da Malu Mader?

Orador B: ... foi... não, era um grupo, amigo... é... foi uma galera que se reuniu pra... foi... tinha a Malu, tinha aquela garota que fazia... ai, então tu vai me ajudar, amigo, que você é bom nisso... sabe a Rolinha da Tieta, que depois foge...

Orador C: É a Luciana Braga.

Orador B: ... Luciana Braga, Tuca Andrada, era um elenco massa, e... apesar que, assim, é... eu achei...

Orador A: É no teatro... isso no teatro, né?

Orador B: No teatro, isso.

Orador A: Onde tu assististe isso?

Orador B: Havia... eu assisti porque eles fizeram essa montagem...

Orador A: Não, aonde?

Orador B: Eu assisti no Teatro Nacional.

Orador A: Em Brasília?

Orador B: Eles fize... é, em Brasília. Eles... mas foi uma montagem que rodou, ela foi... ela tinha exatamente o intuito de comemorar a primeira montagem, então... feita em quarenta e três, então foi em noventa e três...

Orador A: Uhum.

Orador B: ... e havia cinquenta anos, então, da estreia do Nelson nos palcos. Quer dizer, a estreia do Nelson não, a estreia do Vestido de Noiva.

Orador A: Sim.

Orador B: Porque é dois anos antes. E... e eu gostei bastante. Mas, assim, de lá pra cá, eu tenho gostado mais do que eu vejo do Nelson em vídeo.

Orador C: É, eu até entendo um pouco, sabe por quê? Eu sinto que o afã em se fazer Nelson Rodrigues se dá pra quem faz artes cênicas no período da faculdade.

Orador A: Exato.

Orador C: E, muitas vezes, os atores que fazem textos de Nelson Rodrigues ainda não estão preparados fisicamente para a densidade das personagens...

Orador B: Perfeito.

Orador C: ... pra densidade que as personagens exigem. Assim como o Gustavo, eu já vi o Beijo no Asfalto. Olhando hoje, eu vejo que era uma montagem boa, mas uma montagem mais teen do que se tem do Beijo no Asfalto.

Orador B: Sim, do que se deveria, né?

Orador C: Do que se deveria ser, por uma questão de fator de idade, enfim...

Orador B: Perfeito.

Orador C: ... a gente sabe que o teatro, você pode ser todas as personagens de qualquer idade...

Orador B: Claro.

Orador C: ... mas existem algumas coisas dentro da estrutura do Nelson, por exemplo, que exige uma maturidade.

Orador B: Você precisa de um pouco mais de tripa, né, amigo? É.

Orador C: É, exatamente. E aí eu sinto que há muitas montagens acadêmicas que passeiam... por exemplo, Valsa Número Seis, em Brasília, é tipo A Lagoa Azul na sessão da tarde.

Orador B: Nossa, é.

Orador C: Né? E... não me causa o interesse em querer assistir, por mais que eu saiba que a obra seja boa, eu entendo que é um exercício cênico para atores em formação, é legar ir, dar uma incentivada, mas, enquanto produto cultural que eu queira sair pra assistir, não me interessa muito, não.

Orador B: Uhum, uhum.

Orador C: Justamente por isso, pra não ficar com esse comparativo de que no texto é melhor. Senão, de novo, a gente vai ser aquele cara que vai assistir O Senhor dos Anéis com a trilogia toda...

Orador B: É.

Orador C: ... no braço reclamando.

Orador B: Falando: "Aff, mas tu viu àquela hora?".

Orador C: É, mas eu sinto muito isso, e é natural também que o afã por fazer Nelson venha nessa fase porque é um bom desnorteamento estético e conceitual que você tem na faculdade...

Orador B: Sim, sim.

Orador C: ... e Nelson vem pra quebrar tuas pernas enquanto referencial de dramaturgia...

Orador B: Vamos falar: "Vamos pular o Corguinho".

Orador C: Vamos pular o Corguinho de verdade, porque ou tu é ator bom fazendo uma parada

de... de... de Nelson Rodrigues ou você nem faz.

Orador B: Melhor, né, porque...

Orador C: Né? Quando a gente se admira nessa montagem Autópsia... foi a primeira vez que eu vi na vida, de fato, uma atriz com uma minissaia, a... levantar a minissaia e passar um desodorante na vagina, porque na rubrica do texto tava dizendo isso. É... é... é no... isso no do Plínio Marcos. E isso dá, realmente, um impacto visual que você fala: "Cara, tem que ser muito bom ator pra conseguir fazer esse tipo de coisa".

Orador D: Pra parecer natural, né?

Orador C: Pra parecer natural.

Orador D: Porque as ações... é... é... que o... do... do... dos textos do Plínio... do Plínio Marcos...

Orador B: Isso, isso.

Orador D: ... não são ações cotidianas, né?

Orador B: Sim.

Orador D: Eu nunca passei um desodorante na... né?

Orador B: Amiga, mas também tu não é visitada doze vezes numa noite.

Orador C: Não, mas a ação, né?

Orador C: Assim, né?

Orador D: Sim, é.

Orador B: Ah, não, claro, mas...

Orador D: A ação, a sensação, entendeu? É... é... é... disso, assim. Então... é... eu me lembro que teve uma montagem aqui de Brasília, que é do... foi dirigida pela Jonathan Andrade, que... é... uma atriz cinquentona, que era a Neusa Sueli... é engraçado, porque eu vi o... a Navalha na Carne no cinema e eu vi a Vera Fischer, mas as prostitutas estilo Neusa Sueli não são a Vera Fischer, né? Elas não têm aquela cara, elas não têm aquele peito, elas não têm aquela pele, aquele cabelo, não têm aquele cuidado, né? É... eu acho que, sob o ponto de vista da atuação, quando você vai interpretar os personagens do Plínio Marcos, por exemplo... é... é... é muito extra cotidiano, porque aquelas personagens, elas estão num ambiente tão extremo que às vezes até as próprias ações físicas, como o Josuel falou da questão de passar o desodorante na vagina, não... não são ações que a gente praticaria e... e exercitaria com... com naturalidade. E aí voltando a uma montagem aqui de Brasília, chamada Autópsia, do Johnathan Andrade, que... muito bem feita, é... tinha uma atriz interpretando a Neusa Sueli, né, desconstruindo todo o imaginário e era uma atriz que ficava a peça inteira de calcinha e uma atriz com mais de cinquenta anos e era um corpo de uma mulher de cinquenta anos, né? Que era... que se relacionava com um homem mais jovem, que era o cafetão dela. E... isso foi bastante

impactante pra mim, ver uma mulher nua, de cinquenta anos, porque a gente espera ver uma ga... uma menina mais nova...

Orador B: Sim.

Orador D: ... uma garotinha e tal; uma mulher mais velha... é... é... tem um impacto enorme, né, visual enorme.

Orador B: Aí você dimensiona...

Orador D: É.

Orador B: ... também a Neusa, né, como personagem, né?

Orador D: É.

Orador B: Isso é muito legal.

Orador C: É, porque quando a gente fala dessas implicâncias com obras acadêmicas, eu, particularmente, quando eu falo, é porque realmente fica um lugar mais da... da... da generosidade do colega que vai assistir do que, de fato, fluir uma coisa que possa te surpreender.

Orador D: Uhum.

Orador C: Não é despotencializando, de maneira alguma, a criação cênica acadêmica, mas existem coisas que... que com a maturidade, elas vêm de uma maneira muito mais eficaz.

Orador B: Não, total, então fica também um convite, galera, de visitar as obras...

Orador D: Uhum.

Orador C: É verdade.

Orador B: ... né, porque... é... isso é tão interessante, pra mim foi tão rico voltar a ler... é... esses textos. Esse que eu tenho um... um carinho especial e... cara, que sempre que eu leio só me reforça o quanto a Alaíde é um personagem incrível... incrível, e...

Orador C: E teve alguma obra recente do Nelson Rodrigues em teatro, muito popular, eixo Minas-Rio-São Paulo-Brasília? Eu não sei.

Orador D: Eu acho muito difícil.

Orador C: Nos últimos anos.

Orador D: Porque os direitos autorais são muito caros, né?

Orador C: Sim.

Orador B: É.

Orador D: Então... é... pra montar o Nelson... é... a última informação que eu tive é que você tinha que pagar trinta mil reais pra família. Era algo nesse... nesse valor.

Orador C: Não, você lembrando... olha só que burro que eu fui agora, eu acabei de... é porque eu fiz uma peça, Perdoe-me Por Me Traíres, do grupo Novos Candangos em 2016...

Orador B: Sim.

Orador C: Era seis mil dólares.

Orador D: Ah.

Orador C: Lembrei disso.

Orador B: Olha só, isso aí dá quanto?

Orador C: Porque o direito não é pro Nelsinho, que é o filho dele; o direito é pra empresa que gere e é em dólar.

Orador D: Uhum.

Orador C: Dois mil e dezesseis era uma outra inflação, mas eu lembro que foi isso, foi em torno... e... e o direito era o seguinte: era um ano pra você montar a peça quantas vezes você quisesse com o valor de seis mil dólares. Então o artista tinha que fazer muitas temporadas pra garantir esse pagamento, porque ele fazendo uma ou cinco vezes...

Orador B: Sim.

Orador C: ... ia ser o mesmo valor.

Orador B: Ah, então, olha só, então isso, hoje, dá quase vinte e quatro mil reais, ó, tá vendo?

Orador D: Uhum.

Orador C: É caro.

Orador B: Então, já valores atuais, trinta pau.

Orador C: É.

Orador D: É.

Orador B: É... então é muito caro mesmo, né? E ainda mais na... no momento político que estamos vivendo, tá tão difícil fazer cultura que, porra, você ainda ter que conseguir captar trinta pau pra poder fazer... é foda, né?

Orador D: É.

Orador B: É.

Orador D: É só montando...

Orador A: Até porque uma coisa positiva... rapidinho, só... é só pra finalizar...

Orador D: Sim.

Orador A: ... esse lance do dinheiro, até porque é uma coisa... isso pode ser uma coisa positiva, porque eu acho a potência do Nelson Rodrigues... aí também, de novo, eu vou emitir... uma coisa que a gente normalmente não faz aqui, que é emitir a opinião pessoal... (-risos) eu vou emitir uma opinião pessoal. Eu acho que uma... uma das potências que o Nelson Rodrigues tem é justamente essa mescla de textos. Eu gosto muito de a... de grupos de teatro que conseguem essa inteligência na escrita ou na releitura ou na inspiração de textos. Eu, quando fui montar... é... o Plínio Marcos, eu me inspirei na obra, né, tipo, eu pego a obra...

Orador B: Sim.

Orador A: ... e dá uma... relida naquilo, e, também, você acaba meio que fugindo dos direitos autorais, assim, também. Mas não só pela questão do dinheiro, é porque, realmente, se você for montar o Vestido de Noiva, e... tal qual, no teatro isso aí é um... é um dinheiro muito caro pra você conseguir atingir a potência do texto como ele tem, sabe? Mas se você for fazer um apanhado desse... dessa sociedade controlada por vans e... e... empresários malucos e a mídia carniceira, né, é... você tem um total... qualquer peça do Nelson Rodrigues você tem um... um jornalista, né, um motorista maluco, sabe?

Orador C: Sim.

Orador A: Você sempre tem...

Orador B: É.

Orador A: ... essas figuras, então se você também faz um apanhado sobre isso, você tem uma potência maior de... de celebrar o autor, só que revisando ele atualmente, sabe? Revisando ele com os problemas da nossa sociedade atual... da sociedade dele, só que atual.

Orador D: Isso que... que me encantou na... na ideia da montagem do Lázaro Ramos, né, porque a gente tá num momento de fake news e o Beijo no Asfalto é uma grande fake news, né?

Orador C: É.

Orador B: É.

Orador D: A... a história que... do Beijo no Asfalto, ela é escolhida pra ser noticiada porque eles queriam esconder um escândalo político, então... é... o... o Lázaro traz essa montagem pra que a gente consiga refletir, a partir do Nelson, sobre o que nós estamos vivendo.

Orador B: E pra gente parar, né, gente, de acreditar na primeira informação que chega pra gente ou entender... não conseguir ler as subjetividades, né?

Orador D: Uhum.

Orador B: É... a gente... eu às vezes fico muito chateado... é... quando eu tô na escola, porque

eu falo: "Pô, galera, vamos aprender a ler além do que os livros didáticos estão falando, porque a história que é contada é sempre a história do vencedor".

Orador D: Uhum.

Orador C: É.

Orador B: Então... é... a gente tem que conseguir ter um olhar um pouco mais complexo e saber o que tá por trás. É um eterno pão e circo, né?

Orador D: Mas é muito atrativo também, né?

Orador B: Ah, claro.

Orador D: É... quando você vê uma manchete de jornal, é... uma chamada do Jornal Nacional, é muito atrativo aquilo, aquele escândalo.

Orador B: Ahã.

Orador D: Né? E aí você, realmente, você é levado...

Orador B: Sim.

Orador D: ... por uma narrativa que vai acabar com o país, mas... você... vai acabar, vai destruir tudo, não vai deixar pedra sobre pedra, mas, assim, você é levado a... aquele encanto, aquela... né, aquela... aquela excitação de... de: "Meu deus, ele roubou milhões, nossa, ele tem um sítio em Atibaia"...

Orador B: Ahã.

Orador C: Que é uma realidade quase ficcional, né?

Orador D: É.

Orador C: Você tá reclamando de algo que tá tão... distante palpavelmente que vira, realmente, um show.

Orador D: Uhum.

Orador B: É, total, cara, é muito doido, né? Então, só pra gente ficar atento pra não ser cooptado...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... por essa subjetividade capitalista escrota...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... né, porque aí eles atingem o objetivo, né?

Orador D: Uma coisa que me encanta no... no Vestido de Noiva, uma das, né, é... é... é... é

essa... essa grande lição da peça, né? Qual é... qual é a mensagem, coleguinhas?

Orador B: Ah, legal.

Orador D: Pra mim, é... eu gosto muito da... da ideia de que... o Vestido de Noiva me traz isso, de que... é... nós contamos a nossa própria história, né? E nós temos uma visão de quem nós somos e do que nós vivemos, e a versão... por exemplo, eu posso viver uma vida inteira com o Josuel, ele vai contar a nossa história de uma forma...

Orador B: Claro.

Orador D: ... eu vou contar de outra, então nós somos narradores de nós mesmos, né? Assim, a nossa subjetividade, ela... ela tá sentada num trono, e... e isso é muito interessante, acontece no Dom Casmurro também...

Orador B: Total.

Orador D: ... você não sabe se a Capitu traiu o Bentinho, porque é... é o Bentinho contando, é a subjetividade do Bentinho. Então... é... é legal que a gente pense sobre isso, porque eu acho que isso é um... é um... é um marco conceitual na vida.

Orador B: Total.

Orador D: Às vezes, você tá vivendo um problema e você tá enxergando o problema pelo seu ponto de vista, e que não é nada daquilo. Não é nada daquilo, né? Aí você conversa com o seu amigo, o seu amigo: "Não, mas e se você observar sob esse ângulo?", aí você...

Orador B: É um prisma, né?

Orador D: ... "Poxa, é mesmo". É.

Orador B: É. Não, isso... cara... Luís Fernando Veríssimo fala isso muito bem, né, tem um trechinho de uma crônica, que aí... é... é o mesmo casal contando a mesma história...

Orador D: Sim.

Orador B: ... e é totalmente diferente.

Orador D: Sim.

Orador B: Que ela... ela... ela fala assim: "Ah, ele quase sempre chega e me pergunta: 'Tudo bem?', eu digo: 'Não, tudo bem, tudo bem', e vou fazer as minhas coisas", eu falo: "Pô, eu chego e pergunto: 'Tudo bem, Diana?', ela vai: 'Tudo bem, tô cansada', então... aí ele... cada um vai contando de um jeito...

Orador D: Sim.

Orador B: ... você fala: "É, realmente o ser humano é muito doido", e as subjetividades estão aí, né? Cada um vai...

Orador D: Uhum.

Orador B: E aí ele... ele vai falando: "Ah, eu vou ler, vou ver TV", aí ela fica indignada, fala assim: "Sabe o que ele vai fazer? Ele vai ler. Sabe, ler, ou ver TV. Aí se o filho pergunta qualquer coisa pra ele, ele vira pra mim e fala assim: 'Quê?', sabe, aquele jeito que tá fingindo que não entende nada do que você diz, fala assim: 'Quê? Que que é, Diana?'; ele fala: "Porra, ela chega, tá cansada, eu falo: 'Tudo bem, vou fazer minhas coisas. Ela fica resmungando, eu pergunto: 'O que foi, Diana?'" , é muito doido, né, porque...

Orador D: Fizeram uma...

Orador B: ... é isso mesmo.

Orador D: ... fizeram uma lista... acho que o Gustavo pode me ajudar melhor nisso, sobre os cem melhores filmes, né, e um dos primeiros, assim, é o Rashomom do... do Akira Kurosawa...

Orador A: Uhum.

Orador D: ... que é isso... é... aconteceu uma briga de espada no meio da floresta, é isso. E aí primeiro chega o cara que morreu e conta a história, aí você tem uma cena; aí depois o cara que venceu, aí conta a história; aí depois a... a pessoa que tava passando, aí conta a... outra história; e aí cada um vai contando uma história diferente, e a cena vai se fazendo de uma forma muito diferente.

Orador B: Sim.

Orador D: Né? E aí quando eu vejo um filme assim: "Baseado em fatos reais", aí eu tipo: "Hum, entendi", não é o fato real, gente, fato real não existe.

Orador B: É.

Orador D: Quer dizer, existiu naquele momento, mas aí ele se desdobrou num... como um espelho que se quebra.

Orador B: Mas... ele não é presenciado por ninguém, é por todos ao mesmo tempo, né? É muito doido, porque cada um tem a sua impressão a respeito daquilo.

Orador D: Uhum.

Orador C: Mas vocês não sentem que, no caso do Vestido de Noiva, a impressão que a gente tem, por mais que a narrativa seja da morta, ela nunca vai mudar? Porque, do jeito que ela é construída, você é muito levado, de fato, a enxergar...

Orador D: Sim, sim.

Orador C: ... aquilo.

Orador D: Ahã.

Orador C: Né?

Orador B: Ah, perfeito, Josuel.

Orador D: Sim.

Orador B: Olha, eu acho até que é bom isso...

Orador D: Mas você enxerga aquilo porque aquilo é o que ela enxerga.

Orador C: É o que ela enxerga, e é a única informação que chegou.

Orador D: Né? Aí é essa é a questão.

Orador B: Mais... mais ou menos...

Orador D: É.

Orador B: ... mas mais ou menos, porque tem coisas que ela vai descobrindo, porque como ela não tá aqui nesse plano...

Orador C: Eu não sei, essa é a pro... é a própria coisa da...

Orador B: ... você tem...

Orador C: ... da... da vilania, se é que pode-se dizer que a... a...

Orador D: Ahã, ahã.

Orador C: ... havia uma vilania dela, de que ela não era uma figura cativa pra você defendê-la ou torcer por ela no final...

Orador D: Sim.

Orador C: ... né, os desdobramentos... é... é... não sei, acho que é porque a gente vai sendo tão surpreendido que você, de fato, não tem como supor aquilo que não tá na escrita, sabe?

Orador B: É nesse sentido que eu acho que é muito complexa, cara.

Orador D: É, é o choque.

Orador B: É muita complexidade, porque você, como público, vai descobrindo, ao passo que ela também vai descobrindo de acordo com o que os outros falam dela.

Orador B: É.

Orador B: E aí você fala: "Caralho, eu tô aqui contando, mas tendo que me deparar com as visões alheias a respeito... e como eu tô sem esse dado, eu vou ter que aceitá-lo", então é muito doido, assim, nossa, é muito complexo. Amo a Alaíde.

Orador D: Ahã.

Orador B: Assim, o personagem mesmo, como...

Orador C: Ahã.

Orador B: ... ser humano, porque eu acho que o ser humano é... é exatamente isso, a gente não tem...

Orador C: É, de todas do Nelson, a que eu mais amo mesmo, pela complexidade, é a Virgínia, do Anjo Negro.

Orador B: Ai, cara...

Orador D: Sim.

Orador C: Porque ela é... ela é a dicotomia em pessoa, né: "Não, não, Ismael, eu te amo. Eu te odeio, mas quando eu digo que te amo é porque eu te amo de verdade" e isso vai mudando muito.

Orador B: É.

Orador C: Você tem um ódio tão grande dela, um ódio tão grande do que ela faz...

Orador C: ... um ódio tão grande de tudo, mas... é... é... sei lá, é o ato de dissimulação que todos nós temos na vida.

Orador D: Uhum.

Orador B: Aff, é porque ela... essa peça, na verdade, me dá... ela me embrulha várias vezes.

Orador C: É.

Orador B: Saca?

(-risos)

Orador B: É verdade, velho.

Orador D: Sim.

Orador B: É muito pesado.

Orador D: Eu acho uma peça... quando eu assisti... eu... eu... eu... me deparei com o... com o texto encenado na própria UNB, eu gostei muito da... da montagem que fizeram, e... e depois eu fui ler o texto, e fiquei, assim, como alguém tem coragem de dizer aquilo?

Orador B: É.

Orador C: É.

Orador D: Eu tive...

Orador B: É.

Orador C: É terrível

Orador D: ... eu tive essa sensação, como alguém tem coragem de falar sobre aquele tema daquela maneira, né?

Orador B: É, ahã.

Orador D: Pra quem não conhece o texto do Anjo Negro, o Josuel eu acho que lembra melhor do que eu, mas é uma mulher que é... é... ela tem um... ela... ela é casada com...

Orador C: Isso, ela é casada.

Orador B: Ela é casada com o Ismael.

Orador D: ... ela é casada com o Ismael.

Orador B: O Ismael é um cara negro...

Orador D: Negro.

Orador B: ... que consegue ascender socialmente, porque ele é médico, mas ela, a priori, sente nojo...

Orador C: É.

Orador B: ... de... de ser casada com ele, vergonha, e como as crianças nascem negras, ela vai matando as crianças.

Orador D: Sim.

Orador B: Cara, é muito louco.

Orador C: E ela é apaixonada pelo irmão dele, né?

Orador B: Isso.

Orador C: É... é o... eu não lembro o nome da personagem, mas...

Orador B: Que é o cego, né?

Orador A: É tipo um...

Orador B: Que é o cego.

Orador D: É, e ela diz... isso é muito louco, né, porque ela tem uma filha com esse cego, que ela não mata...

Orador C: Ahã.

Orador D: ... e ela diz pra essa filha... não, e o Ismael diz pra essa filha que ele é branco.

Orador C: Sim.

Orador B: É.

Orador D: Então quando você vai falar, por exemplo, sobre a questão racial...

Orador C: Cara... é, é.

Orador D: ... um negro dizendo pra uma menina cega que ele é branco, e ela constrói toda uma imagem do homem branco...

Orador C: Isso, é.

Orador D: ... né? E...

Orador C: Não, e essa menina não era cega... só pra lembrar da história...

Orador D: É.

Orador C: ... é... ela foi...

Orador D: Ahã.

Orador B: Ficando cega porque pingou ácido no olho dela.

Orador C: ... é, pingaram ácido, é bi... não, gente, esse texto...

Orador A: É horrível, gente, horrível.

Orador C: ... é bizarro.

Orador D: É horrível.

Orador B: É, eu... eu...

Orador A: É uma mistura do Lady MacBeth com Ricardo Terceiro e Otelo.

(-risos)

Orador C: É tipo isso, é tipo isso mesmo.

Orador B: E com as páginas policiais brasileiras.

Orador A: É.

Orador D: Que se passa no Rio de Janeiro.

Orador A: Exato, é tipo um Otelo com Lady Macbeth, misturado com a politicagem de Ricardo Terceiro por causa da questão... é uma droga.

Orador C: É, essa é uma obra que eu acho bem delicada de ser feita atualmente.

Orador D: Não dá.

Orador B: Total.

Orador C: Eu acho que Anjo Negro é, tipo, agora... guarda na caixinha.

Orador D: Não dá, é. É uma... eu acho que não dá, não dá pra gente dizer aquilo, né...

Orador C: É, é.

Orador D: ... é trazer à tona aqueles personagens, eu não... eu não acho que dá.

Orador A: É difícil, é difícil.

Orador C: Também não acho.

Orador B: É um desuso enquanto a questão...

Orador D: É.

Orador B: ... da... da... do preconceito...

Orador A: Eu acho...

Orador D: É.

Orador A: É uma série de coisas.

Orador C: É, é uma série de questões.

Orador A: Pois é, cara, que loucura, né?

Orador B: Que coisa, né?

Orador A: Que loucura, o cara escreveu...

Orador B: O cara maluco.

Orador A: ... e, no entanto, você não pode montar porque ele tava tão à frente, porque tava tão atual, que ele tava tão à frente do tempo, né? Pensa aí...

Orador D: No caso do Anjo Negro, é porque é uma obra racista mesmo, não dá pra... não dá pra...

Orador C: É.

Orador A: Sim.

Orador D: ... pra defender, né? O Ismael dizer pra... pra menina cega que ele é branco, e aí... e aí, na visão da menina cega, ele é uma pessoa ótima, e o Ismael que se apresenta negro para o público não é, então você tá dizendo que a pessoa...

Orador B: Ahã.

Orador D: ... negra não é...

Orador B: Você tá reforçando.

Orador D: ... legal e a pessoa branca... então, tipo, não dá. É racista? É racista. É... mas, ao mesmo tempo, a... a... o conflito interno dos personagens é fascinante, né? Então ela... ela... ela é aquela obra que você lê na sua casa e você... você não consegue defender. Eu não consigo defender...

Orador B: Então...

Orador D: ... publicamente, mas eu gosto...

Orador B: É... eu tive um...

Orador D: ... da obra, né?

Orador B: ... olha só, Lu, eu tive um problema com isso. É... uma professora que eu gosto muito, foi minha orientadora...

Orador D: Uhum.

Orador C: ... foi minha orientadora... é... nos estágios e tal, e... fiz um pouco de teatro com ela... o Josuel foi... foi quando eu conheci o Josuel, que era Clarice Costa.

Orador D: Uhum.

Orador C Sim, sim.

Orador D: Maravilhosa.

Orador B: Era não, que ela é viva.

Orador D: É.

Orador B: Né? É... e ela queria fazer uma leitura dramática do Anjo Negro. Fui estudar o texto e tal, blábláblá, mas, quando eu percebi que o desejo real dela era montar, aí eu dei pra trás, porque eu acho que, como obra, pra fazer uma leitura dramática e mostrar que a gente tinha um autor...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... né, tão contundente, falando dessas coisas num período X, me interessava, mas fazer uma montagem... e aí eu... nossa, retrocedi, eu me lembro que ela até ficou um pouco chateada comigo na época...

Orador C: A gente fica...

Orador B: ... mas eu não... nossa, eu não dou conta.

Orador C: ... a gente fez na faculdade Dulcina e... a... isso há dez anos atrás, mas na perspectiva de diferentes atores curingando as personagens até o final da peça, pra que esse impacto da questão da cor, né, da... da pele...

Orador B: Fosse...

Orador C: ... fosse amenizado e o texto fosse chegado até o fim enquanto exercício cênico. Era pesado pra gente, era pesado pro público, foi pesado pra todo mundo, mas tá lá, foi feito. Tá aí, são exercícios que eu acho que dentro da esfera da faculdade...

Orador D: Uhum.

Orador C: ... vai lá, experimenta.

Orador A: Sim, é.

Orador B: Vale a pena.

Orador A: É isso...

Orador B: Daí é problema você anunciar.

Orador A: ... é isso que eu digo, esse... esse... é por isso que eu falo, esse autor é muito doido, se você pensar nisso, né? Que o cara, em quarenta e poucos, cinquenta e poucos, escreveu uma coisa que era tão atual, aquele momento, né, um... um raio x daquele tipo de pensamento, e ele consegue atingir esse lugar hoje, né? Se você ler hoje isso, ele tem um impacto...

Orador D: Isso.

Orador B: É.

Orador A: ... cara, muito... é muito doido, né, cara, você pensar...

Orador B: Que faz a gente rever, inclusive, aquela sociedade, né?

Orador A: Exato, exato. É muito louco, cara.

Orador B: Né?

Orador A: Eu acho assim, esse... esse texto, realmente, ele é... é difícil, sabe? É difícil, assim. A primeira vez que eu li, eu nem fiquei tão impactado porque eu ficava... eu ficava acho que incrível; eu ficava: "Não, ele não tá escrevendo isso, não, não é assim"...

Orador D: Sim.

Orador A: ... "Não, não é isso, não. Ah, não é, não. Bom, ele vai mudar, daqui a pouco tudo vai ficar diferente, quer ver? Ó... êita, não mudou, êita."...

Orador D: Ahã.

Orador A: ... sabe como que é?

Orador B: Êita, porra, só piora, só piora.

Orador A: É. Eu fui... eu fui ficando meio que a... anestesiado, eu acho, sabe, assim, tipo... foi... não sei, é... é o... a... quando acontece aquela coisa que é muito absurda e você fica em choque, sabe? Eu fiquei meio assim, em choque...

Orador D: Sim.

Orador B: É isso.

Orador D: ... em estado meio de anestesia, sei lá. Mas é uma obra interessantíssima de você exercer essa... esse olhar... é... dessa leitura... que você tem que terminar e tomar um banho depois, sabe? Você fica assim: "Ai, eu tenho que tomar um banho, porque eu acho que, sei lá, tá... tá errado fazer isso", sabe?

Orador B: Não, mas você sabe, Gustavo, que é engraçado. A gente falou de Nelson, falamos muito de Plínio também, e quando a gente fazia o Palhaço, Por quê?, eu... que era uma adaptação... você lembra o nome da obra do... do...

Orador A: Balada de um Palhaço.

Orador B: Balada de um Palhaço.

Orador A: É, a Balada de um Palhaço.

Orador B: E... cara... mesmo que a gente tenha criado, porque no texto do... do Plínio só é o bastidor, né?

Orador A: É.

Orador B: É só o camarim.

Orador A: É.

Orador B: E a gente criou o número... é... dos palhaços, porque a gente é palhaço, então a gente criou esse momento da apresentação daqueles caras que estão no camarim na cena, beleza; apesar do número ser ótimo, era divertidíssimo e tal, cara, isso era tão pesado que acabava essa peça, gente...

Orador A: É.

Orador B: ... eu não queria tomar uma cerveja...

Orador A: É, gente.

Orador D: Sim.

Orador B: ... que eu tava absorvido pelo universo...

Orador C: E... e pesa o clima mesmo.

Orador B: É.

Orador C: A gente não tá falando, por exemplo, de um Monteiro Lobato... Lobato...

Orador D: É.

Orador C: ... que agora tem essa adaptação e essa reflexão acerca da personagem da Tia Nastácia, né?

Orador B: Ahã.

Orador C: Por uma questão de alusões preconceituosa... é... no texto. A gente não tá nem falando disso. Quando a gente comenta essas coisas de Plínio Marcos ou do próprio Anjo Negro, do Nelson, é um buraco tão, tão, tão, tão mais fundo...

Orador B: Não...

Orador D: É.

Orador B: ... muito mais.

Orador C: ... do que a questão da Tia Nastácia...

Orador A: É, até porque no... no caso do Plínio... no caso do Plínio, nesse texto Balada de um Palhaço, esse livro, ele é assim, são dois personagens, um é o dono do circo, que os dois são... são artistas de circo, um é o dono do circo e que tá forçando, né, e botando o outro, que é o que ele contratou, que é tipo empregado dele, pra ele ser um artista mais... mais efetivo, mais maximizado, assim. Pra chegar lá, entrar em cena, fazer a cena, faz o público rir, depois sai, a gente colhe o dinheiro, pega a bilheteria, próximo, sabe? Tipo, pra ser um pouco mais prático, e esse outro artista, o empregado, ele não quer fazer o... a... ele não quer fazer isso, ele quer tocar as pessoas, ele quer fazer com que o produto artístico seja algo que... que transcenda a realidade, que faça as pessoas acordarem pra realidade que o capitalismo tá com problema, que a sociedade tem um problema, que tem uma mazela acontecendo e ninguém tá vendo, e ele quer acordar as pessoas. E o... e o dono do circo fica: "Cala a boca, isso não existe, eu quero é pagar conta, isso é uma merda" e tal, então, na verdade, assim, a história é só isso, é só a briga entre o capitalista e... e o empregado... é... sobre a efetividade do trabalho, sabe? Só que se você for pensar em termos da Google, por exemplo, sabe, a empresa Google, que bota as pessoas... é... bota mesa de ping pong e escoregador na empresa e dá... e dá algodão doce pra, na verdade, parecer que aquilo ali é uma família, que nós somos amigos, que nós somos cool...

Orador D: Sim.

Orador A: ... mas, no fim das contas, é um capitalista currando o cara, sabe? É um capitalista ainda consumindo dinheiro, sabe? Então, se você for pensar nessa perspectiva, ele realmente é muito denso, assim, de... de... de... da crueldade...

Orador B: Não, e...

Orador A: ... que é você primeiro ter que lidar com a vida prática, mas, ao mesmo tempo, que a gente, em algum momento se perdeu, assim. É muito louco, cara.

Orador B: ... não, e ele ainda termina muito trágico, né? Assim... é pesado, e... e como eu nunca conseguiria defender o discurso do que queria tocar o coração das pessoas... é verdade, eu até quero, como artista, tocar o coração das pessoas, mas também, se eu não consigo, foda-se,

porque é o outro, também eu não tenho esse domínio todo.

Orador A: Sim.

Orador B: Né? É... nossa, eu jamais conseguiria fazer o papel que o Gustavo fazia, né...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... e... mas me violentava, ao mesmo tempo, também ter que ser o escroto da história, né?

Orador D: Uhum.

Orador B: Então...

Orador A: Uhum.

Orador D: Dizer aquelas coisas, né?

Orador B: ... falar aquelas coisas, e, como eu sou um ator... um pouco intenso...

Orador A: Mas a nossa montagem, a gente matava, né?

Orador B: É.

Orador A: Na nossa... na nossa montagem, era um pouco diferente da história, enfim... da história do livro...

Orador B: Sim.

Orador A: ... porque na história do livro eles... eles cantam, saem juntos, e, tipo assim, eles...

Orador B: Sim, eles...

Orador A: ... eles abandonam, mas... mas eles saem felizes, né?

Orador B: ... eles resolvem...

Orador A: Na nossa...

Orador B: Isso.

Orador A: ... é, na nossa montagem...

Orador B: Eles resolvem...

Orador A: ... o capitalista pegava um revólver e dava um tiro na cara do outro e matava o outro palhaço, era isso.

Orador B: É, e não era nem pela questão da morte em si, no... o que pesava pra mim, era ter que pronunciar mesmo, era ter que ser agressivo...

Orador A: Sim.

Orador B: ... né... nessa questão... mesmo que você tenha outra opinião...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... é... você quer destruí-lo outro ser humano, é... nossa, é foda, assim.

Orador D: Ahã.

Orador B: E... e eu fico imaginando quem pega uma Carminha da Avenida Brasil...

Orador C: É totalmente inspirada na Virgínia do Anjo Negro.

Orador B: Olha só...

Orador C: Assumidamente, abertamente pelo Walcyr Carrasco.

Orador B: Sim, sim.

Orador B: ... olha só...

Orador D: Interessante, eu não sabia.

Orador B: ... cara, olha que interessante. Muito dúbia, é uma personagem tão dúbia que... e a Adriana Esteves tava tão incrível...

Orador D: Sim.

Orador B: ... que ela era uma vilã e ela era amada.

Orador D: Uhum.

Orador B: Tá? Mais do que a... a heroína que tá vindo vingar.

Orador D: Uhum.

Orador B: É...

Orador A: Mais do que o Coringa.

(-risos)

Orador B: Você vê, né, velho?

Orador D: Uhum.

Orador B: Então... é... mas eu fico imaginando mesmo você ter que lidar com isso nove, dez meses...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... se eu...

Orador D: Tem a história do...

Orador B: ... fazendo assim me embarangava numa temporada, eu fico imaginando...

Orador D: ... tem a história do Strindberg, né? Da A Mais Forte...

Orador B: Sim.

Orador D: ... que ele escreveu a peça... A Mais Forte, pra quem não conhece, é um texto muito legal do Strindberg, que é encenado por duas atrizes e uma das atrizes não diz nada.

Orador B: Nada.

Orador D: E a outra atriz faz um monólogo... é... imenso e essa atriz que faz o monólogo imenso era amiga dessa outra, né, as personagens eram amigas, e uma pegou o marido da outra, e a que fala é a dona do marido. A dona do marido, né?

Orador B: É a que tinha o marido.

Orador D: Foi traída... foi traída, mas continuou... é... conseguiu permanecer com o casamento, e o Strindberg, quando ele escreveu a peça, ele estava casado com uma das atrizes e tendo um caso com a outra, e a peça foi um sucesso enorme, ficou três anos em cartaz, e todos os dias elas ali, finas, dizendo o texto, fazendo a encenação e todo mundo sabia de tudo. E aí após a... a... essa... essa é a fofoca do teatro, tá?

Orador B: Ah.

Orador D: E aí, depois de três anos fazendo, é... o... o casamento não aguentou. Eu não sei se o Strindberg ficou com a... com a amante, mas eu sei que eles se separaram, ele e a esposa se separaram, e A Mais Forte serviu como inspiração pro filme Personae, do Ingmar Bergman, que tem uma personagem que é silenciosa e tem outra personagem que fala, e é muito interessante que nos dois textos, tanto A Mais Forte quanto Personae, em algum momento existe uma simbiose entre as duas personagens.

Orador B: Não, mas rola.

Orador D: Uma fala, e você não sabe quem fala, que... se uma tá dizendo o texto da outra ou se é o texto dela, e aí você fica ali nesse... nesse ping pong dentro do texto, porque entre nós também acontece uma simbiose, né?

Orador B: Não, olha que loucura, é um ping pong num monólogo.

Orador D: Isso, isso. É muito... é muito... é muito rico.

Orador B: Muito rico, né? Olha, fica a dica também.

Orador D: Né?

Orador A: Deixa só eu concluir uma coisa aqui, que aí tem a ver com que a... a... a Luciana falou, do... do Kurosawa, né, que tem a... que tem a ver uma coisa muito interessante de colocar, e a gente vem, ao longo do episódio, colocando muito cinema preso ao Nelson Rodrigues, né, muito vinculado à história do texto...

Orador D: Uhum.

Orador A: ... mesmo, das montagens dele, porque o... o que o Kurasawa é muito... o Kurasawa é muito... é... celebrado nas faculdades é justamente pegar uma história muito simples, né, que... que é com um enredo... é... é... muito...

Orador D: Sim.

Orador A: ... linear, mas fazer de... em uma formatação muito diferente, né? O que... o que ele é mais celebrado é justamente ter inventado uma forma de filmar que você consiga entender que um personagem tá em conflito com o outro pela posição e pelo bloco em que ele faz com os atores. Enfim, pra não entrar no aspecto técnico, mas é... mas é o aspecto da montagem, o formato de transformar a obra fisicamente dentro do... da tela, né, que eu acho que o Nelson Rodrigues tem de mais fantástico pra você, que tá querendo ler o texto, porque ele escreve de um jeito diferente. Não é... não é só o fato...

Orador D: Isso.

Orador A: ... da história ser uma coisa legal e... e instigante, e doida, e... e sei lá, não, é o... a forma de escrita mesmo.

Orador B: Perfeito.

Orador A: Você, com ele, você vai ver as letras escritas, as palavras que ele escolhe, o... a forma como ele pontua, o formato faz aquilo criar uma coisa na sua cabeça inacreditavelmente diferente...

Orador B: Perfeito.

Orador A: ... ainda mais se você tá acostumado a ler teatro, é muito assim... é... sei lá, como montador de teatro, como ator, né, você pega, lê o texto, ok, decora, passa um tempo você já abandona o texto e... e fica muito mais tempo ensaiando a cena ali, sabe? Mas quando você é um ator que se dedica mais nesse lance de sentar, ou, pra você que nunca leu peças de teatro, é muito... é muito diferente, sabe? É realmente uma relação diferente, cara, ler o Nelson Rodrigues... fica... fica a dica aí pra vocês, tá? A... o formato é muito importante.

Orador B: É isso mesmo que eu até tava falando.

Orador D: Sim, e eu acho isso muito legal na arte, porque quando você... é... não conta só a história, mas você revela a estrutura...

Orador B: É.

Orador D: ... né? No Nelson, você percebe claramente a estrutura do texto...

Orador B: É.

Orador D: ... como ele construiu. Na... na Alaíde, né, é... é... os... os jornalistas, né, eles falam muito rápido...

Orador B: É.

Orador D: ... e aí você tem uma... uma... uma dinâmica assim, o jornalista: "Morreu", aí o médico: "Me passa um bisturi"...

Orador B: É.

Orador D: ... aí... aí você... você tem esse ritmo muito intenso, então você já fica excitado e de repente a peça, ela... ela tem um outro ritmo, aí você para e ouve um monólogo da Alaíde...

Orador B: É.

Orador D: ... aí entra a Madame Clessi...

Orador B: Isso.

Orador D: ... aí depois a peça fica agitada de novo, então você tem toda uma estrutura montada na sua cabeça. Isso é muito interessante, né? É...

Orador C: Você codifica sem precisar sem precisar ser técnico no assunto.

Orador D: Isso.

Orador C: Né?

Orador B: É, é, você vê, é o poder de uma boa escrita. Então, galera, poxa, baixa aí, tem grátis, tem pdf.

Orador D: Gente, e a coisa mais legal de ler teatro... eu gosto muito de ler teatro junto...

Orador B: Ah, eu prefiro, Lu.

Orador D: ... eu gosto muito. É. É.

Orador B: Porque sozinho, e eu agora tô morando em apartamento e sou uma pessoa que fala naturalmente alto...

Orador D: Uhum.

Orador B: ... eu não consigo ler teatro sem ser em voz alta.

Orador D: Uhum.

Orador B: Que é o texto que é feito pra virar ação mesmo.

Orador D: É.

Orador B: Então... e aí eu faço todos os personagens, e eu acho os meus vizinhos uns putos, falando assim: "Caralho, quando vai acabar essa sequência de obras dramaturgicas?", porque... e eu queria dizer pra eles que não vai acabar nunca. Beleza.

Orador D: E eu acho legal ler junto... ler junto com as pessoas, porque aí eu acho que a estrutura se revela de uma forma mais fácil.

Orador B: Total.

Orador D: Né? Tipo, aí você: "Êita, percebi", e aí você tem depois um diálogo com as pessoas... eu adoro esse momento de... de ler textos, né?

Orador B: Ahã.

Orador D: Isso me faz muita falta... é... é... de tá na... na universidade, assim.

Orador B: Sim.

Orador D: Esse exercício, né, das aulas de literatura...

Orador B: Sim.

Orador D: ... e tal que a gente lê junto.

Orador B: Mas é isso, a próxima obra, O Rei da Vela, vai ser bem interessante poder falar sobre também a questão do antropofagismo dentro da linguagem teatral.

Orador D: Sim.

Orador B: É... e outros aspectos também da modernidade. Foi um texto de trinta e oito, mas que só foi montado lá nos anos sessenta, porque, de fato, o Brasil só entra na estética... na prática da montagem, na estética da vanguarda, nos anos sessenta, por conta da ditadura militar e tudo mais. Então a gente conversa sobre isso no próximo programa.

Orador A: Então eu queria fazer um auto jabá aqui, também que aconteceu... enquanto a gente tá gravando isso, não sei quando você vai ouvir, mas eu postei... eu não, o... o canal do Youtube Audiovisuando, que eu tô fazendo uma participação de um programa de cinema lá, eu postei ontem, né, eles postaram ontem, um episódio que eu falei sobre cinematografia, mas eu usei a questão da encenação e usei muitos exemplos do espetáculo O Palhaço (Por que) [01:59:18], então o Hugo tá lá, aparecendo em várias fotinhos. Se você quiser... se você ficou com vontade de entender esse texto do Plínio Marcos um pouquinho mais, dá uma escutada lá que os primeiros, sei lá, cinco minutos do vídeo é só sobre essa montagem e tem várias fotos do Hugo, várias fotos das montagens. Então fica um auto jabá aqui no canal do Audiovisuando, um vídeo que eu postei exatamente sobre encenação. A gente não falou sobre Nelson Rodrigues nesse... nesse vídeo, mas eu falei da encenação, que tem tudo a ver com Nelson Rodrigues, principalmente quando a gente fala de teatro brasileiro. O intuito desse... dessa temporada toda, desses... dessa trilogia que a gente veio fazendo, é falar justamente de textos de teatro e dramaturgia; a gente escolheu três textos pra embasar, inicialmente, a nossa conversa, mas

obviamente não era só uma análise dessa obra, era, assim, todo o contexto que isso gera, mas fica aqui aberto pro ouvinte, se você, por acaso, tem algum outro texto ou alguma ideia: "Poxa, tem um texto que eu acho muito melhor, que vocês não falaram", né, porque sempre tem aquele cara: "Poxa, eu achei que vocês iam falar de tal autor, porque exatamente fala sobre exatamente esse ponto", então manda um e-mail pro bilheteria@trabalhodemesa.com colocando, ou deixa aqui nos comentários do próprio site, se você assiste pelo site, ou então manda lá numa mensagem no DM, no Trabalho de Mesa nas redes sociais, Youtube, Facebook e Instagram, e manda lá o seu... o seu... o seu texto, a sua agonia, a sua dor, e, principalmente, eu queria saber do ouvinte se vocês já assistiram alguma montagem do Nelson Rodrigues e se vocês sentiram também esse... esse... esse gosto amargo na boca.

(-risos)

Orador C: Ou que pode ser doce também.

Orador A: Ou essa delícia de ler. É, exato, essa delícia de ler um gosto amargo.

Orador B: Exato. Ah, que lindeza.

Orador A: Se você já... como que foi pra vocês?

Orador B: Que lindeza isso, pura poesia. E a poesia, Nelson? Tá aí, ó.

Orador D: E a poesia.

(-risos)

Orador A: Inclusive pode ser o nome do episódio, né?

Orador B: Ah, show de bola.

Orador A: E a poesia, Nelson?

(-risos)

Orador A: Beleza, então tá, gurizada. Queríamos pedir... ah, não, na verdade, é o seguinte... é... se tu, de repente, caíste de paraquedas, não entendeu exatamente, tem outros episódios, né, do Trabalho de Mesa no Youtube, tem vários episódios do Trabalho de Mesa aqui. É um dos únicos, ou talvez o único, podcast que tá sobrevivendo falando sobre teatro, então se você conhece outro podcast de teatro, por favor, apresente pra essas pessoas ou entre em contato, a gente quer se achar, a gente quer se... a gente quer se cheirar por aí, pra conseguir... pra conseguir unir forças, porque a gente tem bastante coisa na podosfera, mas pouca coisa sobre teatro; quase nada sobre teatro ou quase nada sobre interpretação e linguagem teatral, né? Tá muito ainda vinculado ao filme, tem bastante filme, mas então a gente quer divulgar. Ajuda a gente a divulgar, pega essa coisa aí, mostra... sobre literatura, se você tem um... um podcast preferido sobre literatura, de repente esse é o episódio que vai levar a gente pra lá, né? "[inint] [02:01:58] aqui, eles são... eles são de teatro, mas estão falando de literatura".

Orador D: Sim.

Orador A: Então dá uma divulgada, dá uma ajudada aí, tenta nos seguir nas redes sociais, e, por favor, a gente queria pedir encarecidamente a vocês que, por favor, entrem em contato. Um beijo e até mais.